



O FIM DA PICADA

RENATO MADURO

Prefacio da nova edicao

Segundo recentes pesquisas da Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, um dos maiores desafios a serem vencidos pelos adolescentes e jovens neste terceiro milênio é o uso de drogas.

Os dados apontam que aos 12 anos uma grande parte dos estudantes da rede pública de ensino já conhece vários tipos de drogas, mas pouco sabe sobre os seus efeitos.

Muitos desconhecem, por exemplo, os danos provocados pela maconha, acreditando que ela faça menos mal que o cigarro comum, o que, aliás, costuma ser proferido como hálibi pelos usuários desta droga.

Durante as pesquisas, os adolescentes argumentaram ainda que a facilidade de acesso aos tóxicos é devida ao contexto social. Outros trabalhos de organizações não governamentais mostram, por sua vez, que em relação às classes média e alta o contato direto com as drogas pode se dar até mesmo em shoppings e clubes, mas o preço chega a ser cinco vezes maior que nos morros cariocas.

A realidade é a mesma nas demais grandes cidades brasileiras. Em nível internacional, a questão assume proporções ainda mais alarmantes. Em alguns países, o tráfico de drogas financia guerrilhas para a derrubada de governos, como a Colômbia, na América do Sul, e o Afeganistão, no Centro-Oeste da Ásia, por exemplo.

Agências internacionais de espionagem levantam suspeitas de que algumas organizações terroristas que levam a cabo a chamada “Guerra Santa”, no Oriente Médio, onde hipocritamente o nome de Deus é usado para justificar atentados em Israel e outras nações, incluindo Europa e Estados Unidos, provocando a morte de milhares de pessoas, sejam financiadas pelo tráfico.

Ser dependente de drogas não é exclusividade de jovens provenientes de famílias desestruturadas. Muitas vezes a jornada de trabalho excessiva dos pais impossibilita que eles dêem a atenção necessária aos filhos, tornando a convivência, e conseqüentemente a intimidade, que favorece o diálogo, um fato raro.

Nesse contexto, a experiência do bispo Renato Maduro e os demais relatos

contidos neste livro são tremendamente atuais. Uma leitura fundamental para aqueles que estão envolvidos na problemática das drogas e aqueles que precisam conhecê-la, para evitar que seus familiares e entes queridos caiam nesta armadilha, na maioria das vezes fatal, a menos que tenham um encontro com o Senhor Jesus, a Verdade que liberta e dá forças para o fim da picada.

Os editores

Prefacio

Este livro é um alerta aos pais, aos jovens e à sociedade em geral, no que se refere ao perigo do envolvimento com as drogas. Com muita propriedade o autor apresenta cenas, momentos e pessoas, incluindo a sua própria experiência, analisando as armadilhas nas quais muitos indivíduos, principalmente os jovens, caem, projetando-se no mundo cruel e quase sem volta ao qual as drogas encaminham.

A volta só é possível mediante a ação de Deus na vida do viciado. Esta é uma verdade indiscutível que este livro apresenta. Renato Maduro, hoje bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, passou por essa experiência.

Seu livro anterior, *A Dose Mais Forte*, serve de base para algumas das suas afirmações, bem como os testemunhos citados neste livro. Estes depoimentos, que compõem a última parte desta obra, são impressionantes relatos de mudança de vida, nos quais os personagens – ex-viciados – declaram a sua completa libertação, depois do encontro que tiveram com o Senhor Jesus.

O Fim da Picada é um livro que deve ser lido pelos familiares de pessoas que estão envolvidas com as drogas, e é um instrumento de evangelização para os viciados que, na sua grande maioria, desejam deixar o vício mas não têm forças para fazê-lo, nem sabem que caminho seguir para mudarem de vida.

O bispo Renato Maduro, exemplo de vida resgatada do inferno das drogas pelas mãos de Deus, mais uma vez vem, de graça, dar aquilo que pela graça recebeu: a força de Deus para o fim... da picada!

Os editores

CAPITULO 1

De quem é a culpa?

Em julho de 1986, a mídia impressa e eletrônica noticiou: “Cocaína mata jovem em hotel”. Foi

justamente esta nota que despertou em mim a idéia de escrever este livro. Um engenheiro “doidão” por superdose vagava pelos corredores de um motel na Rua Haddock Lobo, na Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro, tentando fugir sem saber para onde, quando funcionários chamaram a polícia.

No quarto, onde ele passara a noite, encontraram morta uma jovem de 26 anos. No chão havia cinco seringas hipodérmicas usadas para injetar droga. Segundo o engenheiro participante do “embalo”, ele e a moça já tinham tomado muitas doses quando ela resolveu tomar a última (umas cinco gramas), e morreu.

Ao ouvir e ler esta notícia, senti no espírito uma grande aflição, pensando na multidão de pessoas envolvidas com drogas, talvez sem a menor possibilidade de recuperação. Ao mesmo tempo que, em meio à minha agonia, experimentava uma grande alegria pelo livramento que Deus me dera, refletia com tristeza sobre o pouco que tenho feito em benefício dessas pobres criaturas, com as quais tanto me identifico em razão de experiências semelhantes.

Durante 12 anos estive enterrado, penando num sofrimento indizível. Sei, portanto, o que é sofrer debaixo desse fogo ardente que consome, matando tanto o corpo como a alma e o espírito.

A droga arrebatava completamente toda esperança de crescimento, de progresso e de mudança. Em lugar de subir, melhorar e progredir, o viciado desce a ladeira empinada da autodestruição; avilta-se, quebra-se todo, transforma-se em bagaço humano. Quisera eu que a minha experiência de destruição e de recuperação, de morte e de ressurreição, servisse de exemplo a esses pobres náufragos da vida.

A Aids, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, consequência da promiscuidade sexual e do uso de drogas, é lembrada pelo apóstolo Paulo no primeiro capítulo da sua carta aos cristãos de Roma.

Vemos, nos nossos dias, o cumprimento da sua gravíssima advertência, feita há quase dois mil anos. A “merecida punição do seu erro”, a que ele alude no versículo 27, pode perfeitamente ser a Aids, resultado do total desrespeito a Deus e às Suas leis:

“semelhantemente, os homens também, deixando o contacto natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro.”

Romanos 1.27

Muitos viciados procuram se desculpar, encobrir e camuflar as suas fraquezas, dizendo que só dão “uma cheiradinha de vez em quando”, que nunca serão escravos das drogas ou de qualquer outra coisa.

Pobre gente, que tenta se iludir. Não sabe que nestas “inocentes cheiradinhas” está o começo de um caminhar, talvez irreversível, rumo à destruição, à loucura e à morte!

Lembremo-nos do que diz o sábio rei Salomão: *“Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte.”*(Provérbios 14.12).

CAPITULO 2

Morrendo ou escapando por um triz

Cláudia, 18 anos, viciada em cocaína, foi presa sob acusação de roubar objetos de alguns apartamentos do conjunto residencial onde morava, em Florianópolis, capital catarinense. Em depoimento prestado ao chefe do Departamento de Investigações Criminais, revelou que os donos do apartamento que ela ocupava não só estavam contaminados pelo vírus HIV como andavam contagiando outras pessoas.

Apavoradas, muitas famílias, especialmente aquelas com filhos drogados, não sabiam o que fazer, pois corria a notícia de que o casal de drogados estava disposto a espalhar a doença, pelo uso comum de seringas.

Para aumentar o pavor, soube-se que dois frequentadores do apartamento tinham feito o teste, ficando provada a contaminação. Foi noticiado que mais de vinte pessoas estavam envolvidas nos “picos” de cocaína com o tal casal. “Há uma trama deliberada para a propagação do vírus”, garantiu o delegado. Cláudia contou que nas sessões de “picos” reuniam-se de seis a oito pessoas, nunca havendo mais de quatro seringas para o uso comum. “Para aproveitar melhor a coca diluída, a gente puxava o sangue da veia, misturava com a droga dentro da seringa e injetava novamente”, revelou ela. Provavelmente o próximo que usasse a mesma seringa seria contaminado.

Felizmente, Cláudia teve resultado negativo no teste. Enquanto aguardava por ele, registrou, no auge do desespero, este desabafo em seu diário: “Já que a doença me destruiu, por que não posso destruir os outros? Agora quero mais é tomar brilho (consumir cocaína) noite e dia!”. Parece que uma espessa nuvem, ou pior, uma tremenda muralha encobre a realidade aos que se drogam e se prostituem. Para cá do seu mundo sórdido estão muitos pais e familiares desesperados.

Eles vêem a tragédia que se desenrola fora do seu controle, na qual os seus queridos – que um dia receberam carinho em seu colo – afundam-se em um verdadeiro poço de agonia, alienação e escuridão, sem se darem conta do que

lhes está acontecendo. Segundo eles, o que lhes vem, em consequência da droga, é um intenso colorido, em meio a labirintos vertiginosos de viagens alucinadas. Eles praticamente ignoram que estão sendo levados a cavernas assustadoras, povoadas por demônios.

E as flores, que nas suas alucinações lhes enfeitam o caminho, exalam um odor nauseante, de cemitério. O que os espera é morte e destruição! A serpente maligna já os mordeu, deitando-lhes no sangue a overdose, o veneno fatal.

Em seu depoimento à polícia, Cláudia contou que antes de morar com aquele casal conviveu durante cinco meses com Lúcia, de 27 anos, que promovia, com uma menor de idade, rodas de cocaína, ambas se prostituindo a fim de conseguirem dinheiro para a compra do pó.

Mesmo conscientes do perigo de contaminarem os parceiros, elas nada faziam. “O meu negócio é mesmo uma branquinha, o pó”, confessou Lúcia, mãe de três filhos, mostrando em seu apartamento o espelho de automóvel que usava para cheirar cocaína.

O pai dela, um açougueiro, prometeu nunca mais aceitar a filha de volta. Posso imaginar o drama, tanto deste pai quanto da filha, pois eu mesmo provei a rejeição do meu pai, que, não suportando mais as minhas perversidades e promiscuidades, fechou-me a porta.

Em uma madrugada, ao chegar em casa, depois de uma noite de orgia, completamente “doidão”, louco para “tomar um bode” no quarto, encontrei o bilhete dele dizendo que já estava farto das minhas loucuras e de tanta vergonha que vinha sofrendo perante todo o mundo. Por isso, já não me considerava seu filho.

“Vá procurar a sua turma; os seus amigos lhe estenderão as mãos e lhe darão carinho, casa, roupa lavada, comida e amor”, escreveu ele no bilhete, cheio de ira, desgosto e cansaço.

Que tristeza é ser rejeitado pelo próprio pai! Naquele instante – como contei no meu primeiro livro, *A Dose Mais Forte* – inseguro, desolado e chocado, de repente tive noção da minha tremenda realidade: eu era um lixo, um caco, um bicho, um pobre vira-lata ao sabor da vida, vagando sem rumo; sem carinho; sem casa; sem apoio; sem esperança; sem direção; sem nada!

Não havia saída para mim! Meu corpo, paralisado de susto e agonia, só sentia sede e fome de algo que o fizesse cair em um buraco fundo, muito fundo, talvez sem final, que atravessasse, quem sabe, a Terra, sem retorno, sem parada.

Queria que eu não me enxergasse; que nada visse, nada sentisse, nada desejasse; que não esperasse nunca mais coisa alguma, pois eu alcançara o topo do desespero!

Sei que a volúpia, o êxtase, o arrebatamento impedem que os escravizados pela droga enxerguem a própria escuridão em que se encontram. Levados pelo delírio patológico que lhes embota o sentido da realidade, e os carrega em tremenda exaltação mental, não percebem o abismo que lhes acena, num gesto de cobiça, para tragá-los em sua bocarra!

Daqui a pouco vão “pirar” de vez, como eu, que fui internado para tratamento psiquiátrico quando estava a ponto de me matar ou de morrer. A mídia noticia a toda hora mortes por overdose. Escapei dela por milagre do Céu!

Hoje sinto vontade de rir sozinho, de gritar, de dar gargalhadas de alegria cada vez que me lembro que escapei por um triz. Não teria o abraço caloroso da esposa, nem saberia que gosto tem o afago dos filhos queridos.

Acima de tudo, não teria conhecido o Senhor Maravilhoso, que salva, cura, liberta e abre a porta à vida eterna! Aquele que é “...o caminho, e a verdade, e a vida...” (João 14.6).

CAPITULO 3

Em um mundo que não aturo

Servida em bandeja de prata ou batida em um espelhinho barato, a cocaína está em todo lugar: na veia, no nariz ou no copo de uísque.

Eu, Renato Maduro, basta uma dose mínima para que eu tenha a ilusão de estar num paraíso. Todos os problemas desaparecem como por encanto. E entro no barato total. Ninguém na roda dessa festa em que a droga é servida é marginalizado; cada um é o centro e o mundo gira em seu redor, num movimento cada vez mais forte e mais rápido.

Por isso, eu, entre eles, já não tenho problemas de afirmação; desajuste; depressão; segregação; complexo; angústia; dúvida; a idade desaparece, o amor impossível é mentira; a saudade, a solidão e a distância não existem; os sonhos viram realidade, ou talvez nem haja sonhos, apenas a doce ilusão de estar flutuando, em êxtase, num langor indescritível e sobrenatural.

Já não faço parte da massa autoritária que me reprime, que me impede de ser eu mesmo; que me questiona, deprime ou anula; que exige de mim ser um com todos. Já não amo; crio; debato; brigo; discuto e me revolto; esforço-me ou luto; apenas estou (não sou) no mar do esquecimento em que a droga me atirou. Já não sou o que sempre quis ser. Sou o neutro, o sem-vontade, aquele que é engolido na voragem, levado nas asas da pura sensação.

Sem travas, tramela na porta ou coerção – a angústia, a depressão, a ansiedade e a fobia, longe, sou aquele que estou e não estou; no entanto, parece-me que sou – mas nem penso se sou, era ou hei de ser.

Pois sou levado, empurrado, arrastado nas lavas de um vulcão furioso, que me faz feliz. Feliz? Sim. Por um pouco, até acordar de novo e outra vez enxergar o mundo real, aquele que piso com meus pés de chumbo; aquele que não amo, que achincalho, odeio, desprezo, não aturo. Por isso, saio correndo, aos trambolhões, ao encontro daquilo que me faz feliz... Por um pouco...”

O que você, que não consegue sair desse mundo que não atura, não sabe é que *“...os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam.”* (Isaías 40.31).

CAPITULO 4

Meninos Assassinos

Assassinos profissionais, e com tabela de preços. Adultos? Não! Meninos. Meninos assassinos profissionais, com tabela e tudo sim, pois a concorrência é grande!

Os garotos assassinos, ou *baby killers*, em Nápoles, na Itália, são todos menores de 14 anos. Isto porque até esta idade não podem ser punidos pela justiça italiana. Eles não matam para roubar. Matam por encomenda de quadrilhas de criminosos adultos.

Em geral, esses meninos começam o seu roteiro de marginalidade por volta dos 8 anos, sendo usados como “aviões”, ou seja, transportadores de droga. Às vezes, servem de guias a turistas, levando-os a bordéis clandestinos (na Itália são proibidos).

Também entregam papелotes de cocaína no caminho da escola. Daí passam a batedores de carteiras, tornando-se cada vez mais ágeis no ofício. Em curto tempo, podem virar exímios atiradores!

O Senhor Jesus, entretanto, com respeito às crianças, disse: “...*Deixai os pequeninos, não os embarceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus.*” (Mateus 19.14).

Os investigadores napolitanos têm um arquivo com uma multidão de nomes de garotos pagos para matar, o que representa apenas a ponta do *iceberg*! A polícia nada pode fazer, sequer pode lhes dar uma bronca, já que são, diante da lei, enquadrados como irresponsáveis.

É justamente por isso que são extremamente requisitados pela máfia de Nápoles, a Camorra. Alguns mafiosos chegam a formar um pequeno exército de crianças, com idades que variam entre 8 e 11 anos, nos moldes da *Murder Corporation*, uma associação de mini-assassinos criada nos Estados Unidos.

Um crime ousado, cometido por um *baby killer*, ocorreu em fevereiro de 1983. Um garoto com pouco mais de meio metro de altura e uma máscara de carnaval assassinou com três tiros o vice-prefeito de uma cidade bem próxima a Nápoles. Segundo uma testemunha, ele era “um tampinha que atirava como um demônio”. Não é mesmo o fim da picada? O que se pode fazer, diante de um problema espantoso como este?

A mentalidade criminosa é instaurada tão precocemente no coração de crianças, sedimentada como argamassa, e misturada de tal maneira – como elementos altamente combináveis e, posteriormente, inseparáveis – que mudar esta estrutura parece impossível.

Mas existe um Deus, o Senhor Todo-Poderoso, capaz de transformar coração de pedra em coração de carne. Aquele que disse: “*Eis que os olhos do Senhor Deus estão contra este reino pecador...*” (Amós 9.8). Por isso mesmo Ele removerá o cativeiro do Seu povo, e as criancinhas também são Seu povo.

CAPITULO 5

Caminho sem volta

A primeira vez que tomei um pico de heroína na veia foi como se um vulcão explodisse dentro de mim e eu não sentisse dor nenhuma, apenas sensações estranhíssimas.

Dali em diante fiquei querendo experimentar de novo aquilo tudo. Jamais consegui... Cada vez era diferente, e cada vez me tornava dependente de mais e mais...

Alimentava a ansiedade perene daquela indescritível sensação de euforia, força e intrepidez, fazendo de mim um ser total, inquebrável; inatingível por qualquer tipo de sentimento triste, negativo, doloroso.

Eu era uma rainha, um gigante durante um certo tempo. Um certo tempo, até cair na depressão! Quando isto acontecia, saía como louca atrás de uma nova picada, uma nova ilusão.

Mas essa ilusão era vendida a preço de ouro. Sendo assim, eu precisava me prostituir e me corromper; tinha de me aviltar, ter uma vida de marginal na qual tudo era válido, contanto que surgisse o dinheiro para comprar a euforia fugaz.

Mesmo consciente de estar doente, e de que cada picada na veia era um dia a menos, prosseguia. Vagava pelas ruelas, no escuro da noite, em busca de dinheiro para comprar mais uma viagem.

A solução era vender o corpo, oferecê-lo ostensivamente a qualquer preço – uma, duas, três, quatro, quantas vezes fossem necessárias para inteirar a quantia exigida para as doses.

Sem essas viagens diárias não viveria, ficaria louca. Depois de vender o corpo e conseguir a droga, voltava para o meu cubículo, onde o meu companheiro me esperava.

Silenciosa, entregava-lhe o papel com a heroína. Ele a tomava na veia, eu

também, e dormíamos. No dia seguinte era a mesma busca, a mesma entrega torpe, a mesma viagem e o mesmo sono.

Às vezes penso em parar com tudo isso, ter um emprego, uma casa, uma família, mas o conflito está instaurado e não há como sair! É um círculo vicioso! Nem sei para aonde ir se tudo terminar.

Se o meu submundo e a minha subvida me forem arrancados, restarão fome, frio e loucura. E eu não posso nem quero sair desta loucura para morrer só, como um animal abandonado, longe de tudo, achando a vida um tédio, uma só dor e náusea!”

Pobres meninas tristes, rodando às tontas pelo submundo! Quem lhes levará a Palavra de salvação e alerta? Quem as convencerá de que só Jesus cura, salva e liberta? De que Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida (João 14.6)?

CAPITULO 6

A maldição será revertida em bênção

O Senhor Jesus diz a todos: *“Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo.”* (Apocalipse 3.20).

No mundo dos maiores movimentos financeiros, ou no universo onde tudo se mistura e tudo vale, o grupo dos traficantes é um dos principais destaques. Nesse mundo, quanto mais jovem – e quase sempre quanto mais sofrido, magoado e revoltado com a vida – mais fácil é a presa. O traficante rodeia o colégio e suas proximidades e, de repente, entrega o embrulhinho ao garotão ou à garotona que, rapidamente, esconde no bolso. O pó, transportado em pacotinhos ou em grandes volumes muito bem disfarçados, vale ouro puro e deixa atrás de si uma trilha de sonhos e também de corpos destruídos.

Em um domingo luminoso de sol, o pânico se espalhou entre os banhistas que se acotovelavam na Praia do Arpoador, Zona Sul do Rio de Janeiro, ao perceberem a estrepitosa troca de tiros entre traficantes. Não são raras cenas como esta. Muitas crianças levam para casa e para a vida o espetáculo assustador, que talvez jamais esqueçam.

Os proprietários de bares sabem muito bem que os seus freqüentadores “transam” de tudo, mas não se preocupam, pois se acreditam invulneráveis: têm boas relações, acham que estão muito bem protegidos. Entretanto, também ali entre quatro paredes o terror pode acontecer – e acontece!

Maria é freqüentadora assídua de um desses bares da vida. Tem aproximadamente 1,70m de altura, cabelos alourados e compridos, grandes olhos tristes e estáticos.

Dinheiro não chega a ser problema, pois o pai lhe dá semanalmente, e com isso ela vai mantendo o vício na cocaína, do qual não faz segredo. Também não esconde que é sacerdotisa de uma seita estranha, que a induz a longos silêncios.

Segundo ela, recebe mensagens do “além”, que lhe recomendam a ingestão de muitos chás, proíbem o uso de certas cores, tomar sol e ingerir alguns alimentos. E ela já avisou que logo vai ter um filho.

Sim, pois em um dos seus supostos contatos com um “sábio de outro planeta”, ele lhe teria mandado um recado: Que procure um pai para esse filho que precisa vir.

Maria fala como se falasse consigo mesma, pensando alto. Vive em uma outra dimensão, que ela própria criou, e que intensifica e amplia por meio da droga e dos “irmãos” da seita ocultista que adotou.

É triste e terrível, para quem muito a ama e conhece a Verdade que liberta, contemplá-la do lado de fora dessa cerca. Contudo, para ela esse caminho se tornou a única opção possível. E é mesmo, só que por enquanto...

Um dia Alguém irá bater-lhe à porta, e ela O deixará entrar para sempre. Este Alguém é Jesus! Então, todos os enganadores, astutos e mentirosos, espíritos malignos vestidos de anjos bons irão embora para o lago de fogo e enxofre, que é o seu lugar, e ela será livre e feliz para sempre! Ela e sua estirpe!

CAPITULO 7

Pó a portas trancandas

Um grupo muito estranho está reunido na ampla sala de um grande apartamento, onde seus integrantes se encontram semanalmente. De súbito, um deles, que a todo instante olha o relógio, levanta-se e fala ao telefone.

Depois de sorrir entre monossílabos, sai após fazer um sinal positivo aos companheiros. Passados uns trinta minutos, volta, colocando um pó branco sobre a mesa de vidro.

As pessoas vão aspirando o pó; logo em seguida, as reações se manifestam: uns falam pelos cotovelos, uma das moças não pára quieta, outro se agita. Todos bebem, aumentando a loucura coletiva.

Assim, enfrentam mais uma madrugada, mais um lance de vida que não passa de um novo estertor, algumas horas de magia pronta a se apagar como um pavio.

Essa “magia” ora vem em forma de pó, ora de pensamento, mas sempre se transforma em um pó branco, finíssimo, que é inalado e depositado no cérebro carente e adoecido.

É tudo uma droga só – pensamento e pó – que mata o corpo, a alma e o espírito, a menos que Alguém bata à porta, seja acolhido e faça na casa suja e desarrumada uma varredura, nela habitando então para sempre.

Este Alguém é Jesus! Ele lembra: “*Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa.*” (Apocalipse 3.11).

CAPITULO 8

Um barato pago caro por inocentes bebês

Na mãe que consome cocaína ou outras drogas, os perigos de um aborto involuntário são muito grandes, além da possibilidade de o bebê nascer com má formação congênita ou comportamento anormal.

Geralmente, as crianças nascidas de mães viciadas não respondem com emoções normais, podendo apresentar retardamento mental. Em muitos casos os bebês que sobrevivem herdam a Aids.

É amarga e revoltante a situação de milhares de bebês nascidos em tais condições. Privado de oxigênio, o feto apresenta problemas cerebrais, além de dificuldades de funcionamento em órgãos vitais.

Outros que a princípio parecem normais muito possivelmente apresentam em poucos meses, ou em um ano, sérias dificuldades neurológicas. É mesmo o fim da picada!

Medidas sérias deveriam ser tomadas, diante de uma desgraça como esta. Pobres bebês, que começam prematuramente e sem culpa nenhuma a sua corrida pela vida!

Eles são o retrato da insanidade dos pais, talvez dos avós e mesmo bisavós; quem sabe resultado de maldição familiar, que deveria ser quebrada pelo poder de Jesus!

Uma verdadeira guerra contra os usuários de drogas precisaria ser deflagrada. Dever-se-ia criar um meio de evitar o sofrimento inaudito desses bebês, herdeiros de uma tragédia!

Eles não pediram vida a seus pais, muito menos um abrigo escuro e medonho – um útero envenenado e amaldiçoado. Chegou a hora de cortar todas as cabeças da hidra! Não é mais tempo de gastar energia com os pequenos traficantes, e sim alcançar os “barões” da droga.

Um outro problema dramático se refere ao futuro próximo dos bebês recuperados nos hospitais, após intenso tratamento e muito sofrimento, pois são quase sempre abandonados pelos pais.

Encaminhados aos órgãos de adoção, não são adotados porque são filhos de viciados, sofrendo assim o preconceito da sociedade, temerosa de que sejam portadores do vírus HIV. Que fazer com estas pobres crianças?

Com o aparecimento do *crack* – pequenos cristais de cocaína concentrada e misturada com bicarbonato de sódio – a situação piorou muito. Seu efeito é tremendo e rápido.

Comparado à cocaína injetada na veia, produz euforia e excitação sexual, logo depois tristeza e depressão; mais tarde irritabilidade, insônia e paranóia nos usuários contumazes.

O ciclo termina com uma psicose esquizofrênica, plena de alucinações e pesadelos terríveis, com a sensação de insetos rastejando sobre o corpo. As ameaças à saúde são de todo tipo, desde perda do apetite, tosse e pigarro constante até enfisema pulmonar, disritmia e ataques cardíacos.

O *crack* é bem mais barato que a cocaína, e deve o seu sucesso exatamente ao preço. É um barato que sai caríssimo, cujo preço é freqüentemente pago por infelizes bebês inocentes.

Em uma unidade hospitalar na Flórida, Estados Unidos, verificou-se que em cada cinco bebês que tinham cocaína na urina todos haviam nascido prematuramente, sofrendo de hidrocefalia, problemas cardiopulmonares, derrame e até perda do reflexo de sucção – e conseqüente subnutrição.

Os pais que geram filhos deveriam ter senso de temor e responsabilidade. Infelizmente estamos diante de uma sociedade hipócrita, que permite e até encoraja o uso do álcool, sob o pretexto de que ele leva à alegria, à liberdade, à espontaneidade e ao *relax*, que de outro modo seriam provavelmente inalcançáveis.

No entanto, quando jovens viciados em drogas buscam estes mesmos “prazeres” emocionais, a sociedade não os aceita ou perdoa. Ou seja, um pai pode se animar ingerindo bebida alcoólica, mas o filho é proibido de escapar dos seus problemas

fumando maconha.

Não é mesmo uma inconstância? Não é mesmo o fim da picada? Assim como “*De uma só boca procede bênção e maldição...*” (Tiago 3.10), também de uma mesma raiz – pai e mãe – pode proceder muita tristeza e lágrima amarga. Cuide da sua descendência!

CAPÍTULO 9

Falta de diálogo: razão de desespero e solidão

Acredito que muitos se lembrem da linda adolescente Leni, de 16 anos, que foi encontrada inconsciente, abraçada ao seu ursinho de pelúcia, caída sobre o tapete do seu quarto.

Um misto de tremenda solidão e desesperança a levou a ingerir alta dose do tranqüilizante da mãe, fechar-se no seu quarto e esperar o sono chegar. Foi salva pela empregada, que, estranhando o silêncio, ao bater à porta do quarto compreendeu que algo grave deveria estar acontecendo.

Encaracolando os louros cabelos no dedo, Leni conta que a empregada “foi muito legal” ao levá-la para o hospital, avisando depois os pais, que jantavam na casa de amigos.

A empregada não concordou com o médico, que repreendeu Leni, quase fazendo o mesmo com o pai da menina, que chamou a filha de louca e a acusou de querer armar um escândalo, a fim de fazê-lo perder o emprego.

Leni se referiu à falta de diálogo com os pais e ao distanciamento dos três irmãos mais velhos. “Ninguém tinha tempo para mim”, disse ela. “Até os amigos são meio distantes”, completou.

O jornal *O Globo* publicou um depoimento de Leni, na sua edição de 25 de novembro de 1984: “De modo geral, as coisas lá em casa não mudaram muito, mas pelo menos um dos meus irmãos passou a prestar mais atenção em mim. Ele me convenceu a conversar com uma psicóloga, e começou a me dar um pouco de força. Acho que ele se sentia sozinho também”.

Esta é uma história muito antiga, mas ainda que repetida não tem levado os pais a um despertar. Pelo menos a grande maioria parece de gelo, insensível. Os pais de Leni e dois dos irmãos dela continuaram alheios a uma vida que desabrochava assustada, sem saber a razão de muitas coisas que a rodeavam, que aconteciam no dia-a-dia, sem entender a vida, sem acreditar no amor por não ter

ninguém com quem conversar.

Certamente a falta de diálogo é um dos principais motivos que levam muita gente a desejar a morte e a tentar o suicídio; a enveredar nos vícios, na prostituição, no alcoolismo, pois a solidão é algo terrível.

É preciso ter muita sensibilidade, amor e desprendimento para trazer ao aconchego do coração meninas como Leni, meninos e rapazes perdidos e desnor-teados, tendo genuína preocupação com o que se passa em suas cabeças inexperientes e sofridas.

É preciso adivinhar-lhes a dor e os anseios, a fim de impedir que venham a dar mais alguns passos errados, que, possivelmente, irão afastá-los da última oportunidade de fazerem algo por si, de se livrarem da loucura e da morte.

Você que é pai, mãe, parente, professor, líder ou amigo, estenda a mão em direção a essa criatura carente que já não sabe mais o que fazer de si. Talvez em um simples gesto de amor, em um olhar meigo e compreensivo, você consiga aquilo que ninguém conseguiu: salvar uma vida preciosa; trazê-la de volta à vida; injetar-lhe esperança no coração!

Aquele que converteu rios em desertos e mananciais em terra seca (Salmos 107.33) é o mesmo que “...*levanta da opressão o necessitado, para um alto retiro, e lhe prospera famílias como rebanhos.*” (Salmos 107.41).

CAPITULO 10

Diga não aos bruxos e vampiros!

Richard, apelidado de “caçador da noite”, matou pelo menos 16 pessoas, feriu 21 e violentou 19 mulheres, inspirado nas músicas do conjunto de *rock heavy metal* AC-DC, cujas iniciais são interpretadas por alguns como *Anti Christ*, *Devil Child* (anticristo, filho do demônio), e em devoção a Satanás! Só por curiosidade, veja o que diz uma das músicas do AC-DC: “Que barulho é este do lado de fora da sua janela? Que sombra é esta na persiana? Enquanto você fica aí deitado como um cadáver na sepultura, numa morte aparente, eu penetro no seu quarto”.

De fato, Richard executou todas as suas vítimas no silêncio e na escuridão da madrugada, depois de penetrar na casa por janelas ou portas sem trancas. Muitos foram mortos na cama, enquanto dormiam. Era seu hábito, antes de executar suas vítimas, realizar rituais satânicos. Em seu culto ao diabo ele tentou arrancar os olhos de uma das vítimas e comer a carne de outra.

Depois de uma ousada tentativa de fuga, pelas ruas de Los Angeles, nos Estados Unidos, por ter visto sua foto estampada nos jornais, finalmente Richard foi preso. Uma multidão gritava diante da delegacia onde ele prestava depoimento: “Matem-no! Matem-no!”. O “caçador da noite” geralmente matava os homens a tiros, e depois lhes violentava as mulheres. A polícia sempre observava um detalhe na maioria das cenas de assassinio: Nas paredes, estrelas de cinco pontas inscritas em um círculo – símbolo usado por seitas satânicas.

Se você pensa que a exaltação a Satanás é coisa rara, está muito enganado. Existem pelo mundo afora não apenas grupos de *rock* que se inspiram nele, mas também seitas e templos que se dedicam a lhe prestar homenagem. Sem contar a literatura, filmes, etc., em que esta figura hedionda aparece para dar sabor picante de mistério, risco, perigo e aventura, e assim atrair a atenção.

Esta prática se está tornando tão corriqueira em programas televisivos, livros, músicas, grupos de *rock*, divertimentos e festas infantis, que as pessoas já nem se

impressionam. Ou seja, ardilosamente Satanás vai “fazendo a cabeça” de milhares de criaturas, sem que a maioria delas se apercebam de que estão sendo induzidas a um tremendo erro. Vemos crianças de 4 anos de idade assistindo a programas com bruxos, vampiros, duendes, fantasmas e outras figuras, e o impressionante é que não manifestam medo diante das imagens apavorantes!

Pelo contrário, riem inocentemente e as imitam! Contudo, à noite são perturbadas por horríveis pesadelos, acordando aos gritos, assustadas, além de viverem inseguras e nervosas, resultado do que observam em seu mundo nada infantil.

Pobre gente ignorante, que vai sendo enganada por essa onda de influências demoníacas. Ausentes de Deus, sem a ajuda do Espírito Santo, as pessoas vão sendo empurradas ao inferno, pois este mundo de orgias, invenções e rituais satânicos nada tem a ver com alegria, paz e amor; nada tem a ver com família, com criança! Criança precisa ter os olhos postos em coisas bonitas, alegres, normais, do dia-a-dia, não em monstros, vampiros, bruxas ou bruxos.

CAPITULO 11

Doloroso sacrifício de mãe

A Palavra de Deus diz que *“O filho sábio alegra a seu pai, mas o homem insensato despreza a sua mãe.”* (Provérbios 15.20).

Em setembro de 1985, li nas páginas do jornal *O Globo* uma notícia que me deixou estarecido. Robson, de 24 anos, viciado, fumava maconha em casa quando foi reprimido pela mãe.

Revoltado com ela, que não concordava com o seu vício, negando-se a lhe dar dinheiro para comprar maconha, armou-se com uma faca de cozinha e passou a agredi-la.

Ela fugiu para outro cômodo da casa, mas foi perseguida e atirada ao chão pelo filho. Com quatro golpes no peito e um no braço, ela se refugiou no quarto, vindo a morrer debaixo da cama.

Esta narrativa me trouxe logo à lembrança a figura de minha mãe. Jamais usei de violência para com ela, mas por outro lado era agressivo e teimoso, além de fazê-la sofrer horivelmente pelo fato de viver entregue ao mundo do vício.

Creio que justamente por não conseguir escapar dele, por não encontrar saída para a minha escravidão, é que me tornava ainda mais insubmisso e revoltado. Pobre de minha mãe! Como sofreu!

Ela já não sabia o que fazer, nem como me convencer a mudar de vida. Esgotada, já sem forças para lutar contra a desgraça que me amarrava, que ia me matando aos poucos, acabou ela própria sucumbindo. Misturado ao profundo desgosto, um câncer terrível terminou por roubar-lhe a vida.

Hoje acredito que se houvesse maior compreensão entre pai, mãe e filhos viciados, os problemas poderiam até ser resolvidos. Talvez muitos casos não chegassem a extremos tão dolorosos como tantas vezes acontece.

Os pais precisam dedicar muito amor aos filhos; tratá-los com mais sabedoria, e

sabedoria significa

palavra oportuna; repreensão com autoridade mas com amor e moderação; mansidão e verdade; agudeza de raciocínio; controle; discernimento.

Um pai ou uma mãe, por exemplo, que chama a atenção do filho justamente quando ele está mais agitado, revoltado, nervoso, é um insensato, pois nestes momentos é importantíssimo calar.

Só uma estreita ligação com o Espírito de Deus faz a pessoa ter domínio próprio – evidentemente que o diabo também dá domínio, quando isto lhe interessa.

A Bíblia instrui os pais a não provocarem os filhos: *“E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor.”* (Efésios 6.4).

Os pais que maltratam os filhos viciados com palavras agressivas, castigos e até com pancadaria só concorrem para que a situação se torne mais crítica, mais difícil de ser resolvida.

Por sua vez, os filhos que, presos à escravidão do vício, ofendem, menosprezam e agredem os pais estão muitas vezes contribuindo para a sua desdita, envelhecimento precoce, doença e até morte.

Após o falecimento da minha mãe, carreguei um opressivo sentimento de remorso. Sentia-me culpado da sua doença e da sua morte. Felizmente o Senhor me curou o doloroso sentimento de culpa, e acabou por me devolver a paz ao coração, mas confesso que não foi nada fácil.

Se você é pai ou mãe, e tem filho ou filha presos ao vício do álcool, ou de uma droga qualquer, não desanime: entregue-os a Deus e espere n’Ele. Mesmo que Ele pareça silenciar diante da sua dor, persevere; às vezes o próprio silêncio é resposta de Deus.

Existe ainda um aspecto trágico do problema. Enquanto tantas mães lutam para livrarem os seus filhos das drogas, outras entram nelas com os próprios filhos, e acabam cavando sepulturas!

CAPITULO 12

A loucura do orgulho

Acredito que muitos se lembrem das escandalosas notícias a respeito de um guru de fama internacional. “Bhagwanshree Rajneesh, a vida secreta do guru que estaria morrendo de Aids” foi o que os jornais fartamente anunciaram.

Descobri que o verdadeiro nome deste homem era Mohan Chandra Rajneesh, mudado em 1978 para Bhagwanshree, que quer dizer “Senhor Deus”.

Se você voltar à história do primeiro homem, Adão, verificará que foi o pecado do orgulho que agiu de maneira terrível e contundente sobre a criação, conforme registram as Sagradas Escrituras.

Deus, ao criar o homem, deu-lhe a ordem explícita de que poderia comer de toda árvore que lhe aprouvesse, menos da árvore do conhecimento do bem e do mal. Tentada pela serpente, Eva se sentiu atraída justamente pela árvore que lhe abriria o conhecimento, e comeu do seu fruto. Em seguida, ofereceu-o a Adão.

O orgulho de saber mais, de crescer mais em sabedoria foi justamente o que induziu o primeiro homem e a primeira mulher ao pecado e à queda. Foi também o orgulho, a ambição de ser maior que Deus o que levou Lúcifer a cair, a perder a posição magnífica que o Senhor lhe dera.

Foi ainda o pecado do orgulho que dominou o guru que se autodenominou Bhagwanshree. Segundo os noticiários, tudo levava a crer que ele estava morrendo de Aids, mas os resultados dos testes foram mantidos em segredo.

Embora não vivesse no Éden, nem estivesse coberto de pedras preciosas, esse guru levava uma vida de príncipe. Em 1974 se mudou para Povua, onde se tornou mundialmente famoso, tendo lá construído uma casa para nela morar e também para atender o grande número de discípulos, que aumentava dia a dia.

Americanos e japoneses depositavam muita fé em seus ensinamentos, mas foi

justamente nessa época, entre 1976 e 1979, que se verificou o primeiro dos vários suicídios ocorridos no Ashram, entre os quais o de um americano, que saltou do alto de um edifício.

O motorista do guru fez esta declaração: “Eu era guarda-costas, motorista, fotógrafo e responsável pela medicação do guru”. A essa altura, Povua enriquecia não só à custa de donativos dos fiéis, mas também da venda de ingressos e pequenas lembranças.

O guru comprou seu primeiro carro, um luxuoso Rolls-Royce. No final de 1980, o clima não ficou bom para o movimento religioso do guru, pois aconteceram vários escândalos, como tráfico de drogas, nudez pública e corrupção de menores.

Como se não bastasse, o vaidoso e exótico personagem saiu da Índia e foi para os Estados Unidos. Ao desembarcar em Nova Iorque, teve a petulância de afirmar: “Eu sou o Messias que a América esperava”.

Poucos meses depois, em julho de 1981, o movimento comprou uma fazenda de cerca de dez mil hectares, por cinco milhões de dólares. Durante quatro anos em Nova Iorque, o guru investiu 120 milhões de dólares e conseguiu ser proprietário de dezenas de automóveis de luxo.

Suas pregações escandalosas encantavam os seus seguidores, a ponto de se criarem novos gurus à semelhança do grupo Tantra, no qual pessoas nuas faziam sexo entre si, muitas vezes mudando de parceiro à vista de todos. A Palavra de Deus diz: *“E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes,”* (Romanos 1.28).

Deus não induz ninguém à iniquidade. Ele dá de tudo ao homem. Adão e Eva tinham o Éden inteiro à disposição; contudo, levados pela cobiça de possuírem a única coisa proibida, a árvore do conhecimento do bem e do mal, perderam todas as maravilhosas dádivas recebidas, sofrendo, logicamente, as conseqüências de sua escolha. Não é, portanto, de se estranhar que o guru Bhagwanshree Rajneesh tenha sido amaldiçoado com uma doença hedionda como a Aids!

Se nem mesmo pai e mãe podem impedir os filhos de se prostituírem e de se drogarem, como irá Deus proibir o homem de seguir o caminho que ele próprio escolheu?

O homem sabe perfeitamente que o homossexualismo, tanto masculino quanto feminino, e práticas sexuais torpes só podem levá-lo à desgraça. Ele conhece os efeitos terríveis das drogas; no entanto, continua a se corromper e a se arriscar cada vez mais, em lugar de buscar uma vida saudável, limpa e honesta.

Deveria ter, acima de tudo, um profundo temor a Deus, que o criou e enviou o Seu Filho para redimir a humanidade e salvá-la. De quem é a culpa? Analisemos o que o Senhor diz na Sua Palavra:

“Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; e por estas abominações o Senhor, teu Deus, os lança de diante de ti.”

Deuteronômio 18.10-12

CAPITULO 13

Não seja pedra de tropeço

Em 1978 foi realizada a 9ª Convenção Internacional sobre Suicídio, na Finlândia, e nela ficou comprovado o grande aumento na média de suicídios no mundo. Só na Alemanha o aumento tinha sido de 20%, na época, e no Japão quase 90%.

Nos Estados Unidos, conforme notícia publicada na ocasião, aproximadamente quatrocentos mil jovens e adolescentes tentavam o suicídio anualmente, dos quais uma média de dez mil morriam entre 15 e 24 anos.

Segundo dados de outubro de 2002, disponibilizados na internet pela Lusa, Agência de Notícias de Portugal (<http://www.arq.lusa.pt>, capturado em 28 de julho de 2003), o índice de suicídios em jovens havia subido 43% no Brasil nos últimos vinte anos.

No Japão, conforme divulgado na rede internacional (<http://www.primapagina.com.br>, capturado em 28 de julho de 2003), o aumento do número de suicídios no Japão no ano passado seria resultado da taxa de desemprego de 5,4%. No Brasil, de acordo com o IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, esta taxa gira em torno de 13%.

Com a metade da população dos Estados Unidos, o Japão teve em 2002 aproximadamente o mesmo número de suicídios: mais de 32 mil. A marca dos 30 mil casos estaria sendo ultrapassada pelo quinto ano consecutivo.

Segundo a Agência Nacional de Polícia japonesa, as dívidas teriam motivado mais de quatro mil pessoas a acabarem com as suas vidas. E mais de mil teriam se matado por não conseguirem emprego. Na verdade, mais de 15 mil suicidas japoneses estavam desempregados.

A situação é alarmante. Não sei se ainda podemos dizer a romântica frase: “O futuro da nação está nos jovens”. Precisamos dar mais atenção às crianças e aos moços, principalmente às crianças. Se não lhes dermos uma boa base, por meio

de compreensão, ajuda, carinho e ensino cristão, logo descambarão para a revolta, as drogas, as alucinações e o suicídio.

Acredito que os grandes recursos de que dispomos são tempo e entretenimento. Muitos pais, por trabalharem fora, ou por dedicarem pouco ou nenhum espaço de suas vidas aos filhos, empurram-nos para o precipício!

Preste atenção no seu filho, sobretudo nos primeiros anos de vida. Apresente-lhe idéias, sugestões e oportunidades para bons entretenimentos.

Tudo para que a sua cabecinha vazia não venha a se encher de bobagens e maluquices que ele encontra à farta por aí, por meio de más companhias, péssimos programas de televisão, excesso de autovalorização ou de busca de poder pessoal e mental, tudo isso levando-o a uma alienação de Deus.

Procure conhecer os seus hábitos, os seus amigos, as suas preferências; siga-lhe os passos, mas com muito tato e sabedoria. Uma vez a par de tudo isso, facilite-lhe os meios de ocupação e diversão, porém sempre atento às suas inclinações.

Contudo, o exemplo dos pais é o mais importante, exemplo que deve ser acompanhado de “joelho no chão”, ou seja, oração, sem esmorecimento! O problema é que os pais não estão nada interessados em ralarem o joelho... Pelo contrário, o que mais desejam é desfrutar o máximo da vida, principalmente se já têm mais idade, pois o tempo lhes aparece com cara de irrecuperável, amigo-da-onça...

Esta sensação os assusta tanto que inventam programas, mudanças, amantes, viagens, aventuras e carro novo, deixando os filhos à margem, carentes, inseguros, solitários e atônitos diante da vida, sem a menor capacidade de discernimento entre o bem e o mal, o certo e o errado. Esses pais, enroscados em si mesmos, não enxergam a descida vertiginosa dos seus herdeiros rumo ao desespero; à droga; ao suicídio; à solidão; à descrença; à ruína!

Não esqueça: você é o grande incentivador que Deus colocou diante dos seus filhos! É também o guia e o exemplo, e o deve ser! Portanto, não lhes sirva jamais de pedra de tropeço! O Espírito Santo, por intermédio do apóstolo Paulo, orienta: *“Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente.”* (1 Timóteo 5.8).

CAPITULO 14

Que professor!

Sempre fui da opinião de que a carreira de professor é algo sagrado; que professor tem a função de ser uma espécie de segundo pai ou segunda mãe. Alguém preocupado em dirigir, orientar, dar a mão a crianças e jovens em formação, que estão prontos a se abrir para a vida, espantados e amedrontados ante os gigantes que lhes surgem à frente.

Na verdade, assim deveria ser, mas nem sempre é. Um desportista renomado, com mais de 30 anos, também professor de inglês e filho de um industrial, um professor chamado Rafael, valendo-se da sua popularidade e boa condição social, traficava grande quantidade de tóxicos na Zona Sul carioca e em Cabo Frio, na chamada Região dos Lagos.

Entre os seus fregueses estavam muitos surfistas e alguns menores, estudantes no seu curso. Sem manter contato direto com os seus distribuidores, recebia encomendas pelo telefone. Uma das modalidades de entrega era enterrar na praia pacotes de maconha acondicionados em sacos plásticos, que eram desenterrados pelos viciados. Se você tem filhos que costumam freqüentar a praia, fique atento!

Quem sabe, embaixo da atraente areia iluminada pelo sol haja muito bem enterrado e disfarçado algum volume de matéria infame, ali escondido por pessoas corruptas que desejam envenenar os seus meninos...

Nem sempre sol, areia e mar azul são convites à vida; podem ser convites à morte! As aparências enganam e há muita aparência inocente recobrando criaturas que logo se tornarão os não-inocentes da praia e do mundo!

O professor Rafael revelou aos policiais que há 20 anos praticava surf e por três vezes participara da mais importante competição internacional no Havaí, tendo conseguido chegar às semifinais. No Brasil, ganhara vários troféus.

Que professor! É do tipo que não esquecemos para o resto da vida... Um super-

homem do esporte e da corrupção! O sábio rei Salomão escreveu: *“Quanto ao perverso, as suas iniquidades o prenderão, e com as cordas do seu pecado será detido. Ele morrerá pela falta de disciplina, e, pela sua muita loucura, perdido, cambaleia.”* (Provérbios 5.22,23).

“Feliz o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento; porque melhor é o lucro que ela dá do que o da prata, e melhor a sua renda do que o ouro mais fino. Mais preciosa é do que pérolas, e tudo o que podes desejar não é comparável a ela.”

Provérbios 3.13-15

CAPITULO 15

Valeu a pena?

A polícia encontrou no fundo falso de duas malas, em São Paulo, a maior quantidade de haxixe em pasta apreendida até então no país, em poder de um traficante de maconha de 26 anos. Esta foi uma notícia que assustou muita gente, inclusive a mim. A polícia avaliou o tóxico, de “excelente” qualidade, em uma verdadeira fortuna, e concluiu ter sido usada para a sua produção cerca de uma tonelada da erva.

O rapaz, residente em Atenstadt, Alemanha, chegara a São Paulo trazendo dois quilos e meio do haxixe procedente de Bombaim, Índia. Os policiais chegaram até o traficante, que foi preso sem esboçar reação, por meio de informações da Divisão de Entorpecentes.

Já pensou se um filho, um irmão, parente ou amigo, de 20 anos ou pouco mais, tivesse a ousadia de ocultar essa fortuna proibida em sua mala? Eu me pergunto: Por que razão uma criatura com raciocínio lúcido, capaz de viajar, de se hospedar em hotel, tomar iniciativas até extremamente corajosas, submete-se a uma loucura dessas?

Será que não imagina que a denúncia e a vergonha pública, e possivelmente a prisão, podem ser piores que a morte? Que a pena e a marca de traficante – e internacional – irão levá-lo a uma vida para sempre desgraçada?

Se uma simples dor de dente por um nervo exposto é capaz de fazer uma pessoa menosprezar uma jóia de altíssimo preço, será possível que o traficante ou o viciado não tenha capacidade de avaliar o alto preço da vida?

Por acaso os milhares de seres humanos deste mundo esqueceram o valor da não-dor, do não-escândalo, da não-prisão, da não-escravidão? Às vezes a impressão que se tem é de que as pessoas se entregam voluntariamente à desgraça.

Parece que quanto maior o risco, maior a atração. É algo incompreensível,

terrível! As Sagradas Escrituras alertam: “*Um abismo chama outro abismo...*” (Salmos 42.7).

Que alheias influências; que traumas; que dramas; que exemplos trágicos; que ancestrais maldições terão induzido um rapaz como aquele a tanta loucura e infelicidade? Só Deus sabe!

Eu pergunto: Valeu a pena? O rei Salomão perguntou, há milênios, e hoje eu pergunto o mesmo: “*Ou andará alguém sobre brasas, sem que se queimem os seus pés?*” (Provérbios 6.28).

CAPITULO 16

Quando um psiquiatra pensa que sabe o que não sabe

Fiquei abismado certa vez, ao ler uma entrevista com o psiquiatra francês Claude Olievenstein, considerado uma das maiores autoridades mundiais no tratamento de drogados. Nela, ele se refere à sua experiência num centro especializado na recuperação de viciados, focalizando a relação entre o terapeuta e o toxicômano. Apesar de não ter formação acadêmica que me autorize a julgar cientificamente a real situação do drogado, como ex-viciado, pastor e “médico espiritual” conheço o assunto a fundo.

Sua origem, sem a menor dúvida, é essencialmente espiritual e procede de espíritos demoníacos. Acontece, porém, que esta realidade o Dr. Claude demonstrou desconhecer. Se não a desconhecesse, não faria a afirmação trágica, típica, aliás, de gente que julga o problema da droga superficialmente, atribuindo-o unicamente ao sistema familiar ou à miséria.

Disse o Dr. Claude, em entrevista publicada no jornal *O Globo*, na sua edição de 17 de outubro de 1984: “Eu acho que o ocultismo teve efeito autoterapêutico, tornando-se a forma pela qual uma classe baixa pode suportar uma situação insuportável sem enlouquecer”. Esta afirmação é o fim da picada!

O Dr. Claude, a meu ver, evidenciou ignorar completamente as verdadeiras raízes do ocultismo. A exemplo de muitos, ele identificou seus rituais; sacrifícios; oferendas; “baticuns”; danças; comidas; vestes e diversos adereços como belas tradições que envolvem o participante – na verdade vítima – e o isolam de seus terríveis problemas dentro de casa, no trabalho e na rua.

Para o doutor, seriam inocentes costumes típicos... Ele, porém, desconhece que por detrás disso tudo estão os maus espíritos, os demônios que depois de exigirem sacrifícios e oferendas, danças atraentes e rituais – nos quais as pessoas se esquecem, por um tempo, dos seus traumas, problemas, misérias e medos – lançam as pessoas na maior tragédia e escuridão possíveis.

Se o Dr. Claude pudesse dispor de uma lente mágica, veria esse povo cego, escravo e infeliz, rodeado por milhares de espíritos de briga; vícios; mentira; ódio; corrupção; prostituição, etc.

Ele ficaria, no mínimo, atônito, e saberia que muitos deixam para sempre as drogas ao serem libertos dos espíritos herdados de geração em geração, ou adquiridos e incorporados nas casas de encostos, na chamada Nova Era, em inúmeras seitas e nas muitas vertentes do ocultismo.

Dizia o Dr. Claude que depois de 15 anos de tratamento com toxicômanos, o máximo que se consegue é 31% de recuperação. Se ele soubesse que em nossas igrejas temos assistido a 100% de recuperação de multidões de drogados, e muitas vezes imediata – dentre eles eu mesmo – não diria tal absurdo.

Enquanto servi aos demônios, não experimentei a menor mudança e nada teve poder para me transformar. Foi só pelo nome de Jesus e pela ação do Espírito Santo que fui liberto.

Algo ainda impressionante afirmou o Dr. Claude: “Que nós, adultos, possamos fumá-la, vá lá, não é grave, mas que um adolescente de 14 ou 15 anos, que tem de preparar toda a sua vida, encontre seu primeiro prazer com a maconha, aí nesse caso fica perigoso”. E acrescentou: “Uma coisa que influi muito, tanto na França quanto no Brasil, é que as pessoas que representam a lei – o pai, a mãe, a polícia e também os dirigentes da nação – estão perdendo a credibilidade. Não existe mais um modelo de identificação”.

É incoerente a reflexão do cientista. Como pode servir como modelo do adolescente o adulto que tem todo o direito de fumar a “inocente” maconha, como se estivesse chupando bala ou mascando chiclete? Onde fica o exemplo? Se o pai ou a mãe fuma maconha, por que o filho também não há de fumar? Evidentemente, se o princípio de crescimento é a busca de identificação, e o identificável mais próximo são o pai e a mãe, ele vai procurar imitá-los em tudo, ou pelo menos ter experiências parecidas...

É por esta razão que o círculo vicioso vai progressivamente aumentando: “Papai (ou mamãe) dá suas fumadinhas, vou dar as minhas, para saber por que eles gostam dessa tão famosa maconha”.

Daí a pouco, por algum motivo, fica difícil adquirir a maconha; então o adolescente vai ao vidro de xarope; ao clorofórmio; à “loló”; à cola de sapateiro;

aos tranqüilizantes da casa; às anfetaminas; e aí já não há mais colégio, nem trabalho, nem biscoito, nem nada...

Acreditamos que algo é ou não é ruim; é proibido ou não é a todos. Falar de uma provadinha no cigarro de maconha, na garrafa de cerveja ou de uísque, uma olhadela no motel ou no “inferninho”, só para ver que gosto tem, como é o que acontece, leva apenas ao círculo vicioso, ao hábito, ao desejo desenfreado e à destruição.

O que mais conta numa família é o exemplo. É pelo exemplo que muitos, tendo se desviado e andado por caminhos de miséria, drogas, seitas ocultistas, idolatria, magia, bruxaria e prostituição, voltam à realidade.

Daí o esforço tremendo que cada pai e mãe, cada professor, líder, pastor, amigo ou amiga precisa fazer para que a sua imagem e o seu exemplo sejam atraentes e chamem a atenção.

Chame a atenção em razão de quê? Da paz; da alegria; da vida normal, serena, produtiva, reta e confiante, mesmo em meio a muitos problemas. Não acredito que aqueles que dão as suas cheiradinhas, suas provadinhas, suas olhadelas, tenham realmente alegria e paz no coração!

Tais comportamentos são absurdos e precisam ser urgentemente combatidos e delatados como aliciadores do mal, absolutamente satânicos!

Na verdade, Deus Pai permitiu que muitas coisas fossem ocultas aos sábios e entendidos, e reveladas aos pequeninos (Mateus 11.25). O orgulho de se acreditar sábio e de querer ter a última palavra é terrível!

Não se esqueça deste sábio conselho do rei Salomão: *“Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.”* (Provérbios 22.6).

CAPITULO 17

No corredor da droga

“Ouve, filho meu, e aceita as minhas palavras, e se te multiplicarão os anos de vida”

Provérbios 4.10

Enquanto a sociedade, da qual faz parte a família, prostitui-se mais e mais na busca pragmática do sustento, do prazer de viver não importando como, e da competitividade, os jovens e até as crianças vão sendo seduzidos e atraídos pela fuga e pelo alheamento.

Isto é o resultado de um profundo desencontro de idéias e ideais com aqueles que mais deveriam compreendê-los e amá-los. Os pais correm o tempo todo, quase sempre atrás do dinheiro, do sustento ou da auto-afirmação.

Cansados, em sua correria esquecem os filhos, que, abandonados a si mesmos, crêem-se no direito de buscar o próprio caminho e suas satisfações. Imaturos, caem facilmente no engodo da droga; dos vícios; das seitas; das filosofias mais extravagantes; das más companhias; dos alucinógenos, etc.

É a coisa mais fácil do mundo ser enganado, iludido. Sobram cabeças astutas, maliciosas, diabólicas, capazes de converter, enlear e convencer outras cabeças, comumente muito carentes, muito sensíveis e extremamente solitárias, revoltadas e desnorteadas.

É muito em razão da falha na autoridade e no exemplo da família que têm sido engrossadas as fileiras de viciados em cocaína e em todos os tipos de drogas. Há casos inacreditáveis de crianças de 3 anos já experimentando a maconha, e outras desde 8 cheirando cocaína. Os adolescentes são o caminho ou a ponte mais segura, a mão-de-obra mais fácil e barata para garantir a venda e o consumo da droga. Eles são facilmente utilizados como passadores, recebendo a droga como comissão.

As quadrilhas sabem que os menores estão protegidos pela lei, além de sofrerem mais forte e facilmente com a pressão psicológica e com o medo para não revelarem os nomes dos traficantes. Muitas crianças chegam a entrar no vício por influência dos próprios irmãos. Vêem os irmãos mais velhos fumarem e lhes pedem que as deixem dar uma fumadinha, “só para experimentar”. Basta acontecer uma vez para que o caminho ao vício seja aberto. Até os anos 70, a droga se limitava a universitários e adultos, mas a partir do início da década de 80, os adolescentes começaram a ser seduzidos por ela. Notou-se também que, na falta da droga, estes adolescentes se utilizavam de medicamentos, tranqüilizantes, barbitúricos e moderadores de apetite, reforçados com bebida alcoólica.

Acredito que tudo isto aconteça, na maioria das vezes, em razão da ausência dos pais durante os anos de crescimento dos filhos. Não têm autoridade sobre eles pelo simples fato de não terem autoridade para transmitir. Estes jovens se tornam alheios a tudo, face ao egoísmo que os leva a viverem à procura de satisfação contra o vazio interior; isto vai criando um muro à volta e a solidão se acentua de tal maneira que o medo e a angústia se instalam nos seus corações imaturos.

O jeito, então, é se entregar à primeira oferta de algo diferente. Você, amigo leitor, já pensou na menininha ou no menininho largado dentro das quatro paredes da sua casa – talvez um barraco à beira da lama, sem ninguém a quem pedir ajuda, e muito provavelmente sem coisa nenhuma a pedir?

Acredito que pior que a fome é a ausência de afeto; de atenção; de carinho; de compreensão; de diálogo; de oportunidade de se revelar, de dizer o que pensa e de escapar à solidão emocional e mental.

A criança se emociona, compara, percebe a vida ao redor, mas muitos pais a tratam como se fosse um animalzinho solto por aí, que quer apenas comida, e não é assim: a criança também deseja diálogo, atenção e conversa, muito mais que comida!

Um pai neurótico, nervoso, que só oferece gritos e pancadaria ao filho e à mãe é um louco que empurra o filho ao abismo. A passagem da terrível realidade em que vive para um mundo de alucinação e entorpecimento da memória e dos sentimentos é para o adolescente o escape que tanto busca.

Há uma infinidade de histórias dramáticas de crianças que receberam vida não

como fruto do amor, mas como resultado de um instante de sexo e luxúria, de um capricho ou de uma aventura, nada mais.

Muitos pais, sem nenhuma vocação para a paternidade e a maternidade, acabam rejeitando o filho viciado, ou fechando-lhe a porta de casa. Sendo eles mesmos freqüentemente os responsáveis pela desgraça do filho, privam-no do único lugar a que tem direito de voltar, apesar de tudo.

Este jovem experimentou a droga no recreio, na porta do colégio, na vizinhança da sua casa, na praia ou nas festas. Nessas horas dramáticas, nem o pai nem a mãe estavam por perto, e depois do “tuim legal” veio o gosto da cocaína à boca, o zumbido no ouvido, a respiração acelerada.

Após esta sensação sobreveio a depressão, a angústia de não se sentir bem em lugar nenhum e com nada deste mundo, e aconteceu o pavor. Novamente surgiu o apelo à picada, para escapar à aflição, ao nada, à mesmice, à solidão. Dali a pouco começou a servir como traficante, transportando a droga para o consumidor. Tudo foi um passo!

Em cidades do interior, com menores possibilidades de diversão, a droga “viaja” muito nos bares, discotecas e boates, pontos principais de encontro da “moçada”.

Entretanto, ela pode perfeitamente ser usada em casa, onde às vezes a vítima – o menino ou a menina, o rapaz ou a moça – permanece durante horas trancada no quarto, enquanto os pais estão fora, trabalhando ou se entretendo com as suas tarefas ou futilidades, felizes com o fato de que o filho está presente (e ausente), não lhes dando nenhum trabalho.

Às vezes o mal está enraizado, cresce diante do nariz dos pais, que fingem nada saberem, ou não sabem mesmo, por ignorância ou por descaso. É exatamente em casa que muitas vezes acontece o roubo para o sustento do vício: jóias e eletrodomésticos desaparecem e cheques são falsificados.

A princípio, o medo de ser descoberto coíbe um pouco a ação do viciado, porém as más companhias, a promessa de dinheiro e da própria droga, e até mesmo a sensação do risco, da aventura e do perigo, aliados ao cinismo e às narrativas de escape e de impunidade contadas por traficantes famosos fazem com que o adolescente se entregue a este tipo de vida.

Ele, então, fica nas mãos do traficante, funcionando como intermediário para que

a droga chegue até outros adolescentes. Infelizmente as batidas policiais dificilmente alcançam os grandes traficantes, que continuam a usar fartamente os menores, ora na porta das escolas, ora nas praias, nas praças, nas ruas, nos morros, etc., estendendo a sua rede e o seu comércio.

Observamos, entretanto, que é difícil acontecer uma averiguação em festas e “embalos” de jovens de famílias ricas, onde não raras vezes corre livremente algum tipo de droga.

Assim, o veneno continua a circular livremente entre jovens e crianças, num eterno círculo vicioso. A Bíblia adverte:

“Ouve, filho meu, e aceita as minhas palavras, e se te multiplicarão os anos de vida. No caminho da sabedoria, te ensinei e pelas veredas da retidão te fiz andar. Em andando por elas, não se embaraçarão os teus passos; se correres, não tropeçarás. Retém a instrução e não a largues; guarda-a, porque ela é a tua vida.”

Provérbios 4.10,13

Infelizmente muitos pais estão longe de Deus e não querem saber d’Ele. Não dão instrução bíblica e espiritual aos filhos e ignoram que se seguissem a instrução divina teriam os seus dias multiplicados. É doloroso!

CAPITULO 18

Entre os miseráveis e os nobres

Atragédia da droga atinge não apenas as classes miseráveis e a classe média baixa, mas também as classes mais altas, e até mesmo a aristocracia, como tivemos oportunidade de constatar em notícia divulgada na mídia em dezembro de 1988. O fato abalou a aristocracia européia, pois na tragédia morreram dois nobres: o príncipe e sua mulher, a condessa, membros da tradicional casa de Hannover, descendentes de Guilherme II, último imperador alemão.

Na madrugada de 28 de dezembro, o casal oferecia um lauto jantar regado a vinho e champanhe. A certa altura, a condessa, sentindo-se cansada, retirou-se para os seus aposentos, deixando o príncipe com os convidados, o grupo de *rock* e os músicos.

Segundo a versão de Arthur Samuel, professor de canto de Michael Jackson, o príncipe subiu para o quarto pouco antes das duas horas da manhã, tendo encontrado o corpo da esposa estendido na cama, e sobre a mesinha de cabeceira uma pequena porção de cocaína e uma nota de dinheiro, que, segundo a polícia austríaca, ela teria utilizado para aspirar grandes quantidades do pó.

O príncipe, transtornado, ainda tentou por cerca de uma hora reanimar o corpo da mulher, mas nada conseguiu: o excesso de bebidas alcoólicas misturadas à cocaína enfraqueceu o sistema nervoso central, levando-a à morte.

Este foi o diagnóstico apresentado pelo médico legista, o Dr. John Maberl. O príncipe, ao ver a condessa morta, telefonou pedindo socorro médico. Entrando em pânico, e possuído de terrível sentimento de culpa, telefonou ao irmão em Londres e lhe disse: “Isabelle morreu. Vou me matar agora. Por favor, cuide do nosso filho!”.

Quando o socorro chegou, o príncipe já tinha desaparecido. Tendo levado com ele uma espingarda de caça, foi encontrado morto às seis e meia da manhã, a

30Km do palácio, dentro do seu automóvel.

A espingarda estava na sua mão esquerda, e a cabeça pendia para trás. Era o fim. O fim da picada! Li esta trágica notícia, na época, no escritório da Igreja Universal do Reino de Deus em Fortaleza, capital cearense.

Perplexo com o fato, comentei com um pastor jovem a terrível maldição que pesava sobre a família nobre européia. Ele, então, abriu a Bíblia e leu: *“Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus.”* (Lucas 12.20,21).

Certamente a rica herança daqueles nobres provinha de gerações. Não temos o direito de criticá-los. Nem Jesus era contra os ricos ou as riquezas. O que Ele condenava era o amor ao dinheiro; a primazia dada aos bens ou supostos bens, propiciadores talvez de prazeres efêmeros e enganosos, como festas e jantares regados a vinho e champanhe, quem sabe entremeados de droga e degeneração moral, espiritual e emocional. Entre as taças de champanhe muito suspiro haveria, preso na garganta, pronto a explodir. Como aconteceu com a Casa Real de Hannover, naquela fatídica madrugada em que o vento da maldição varria “adoidado” os seus salões...

CAPITULO 19

Pobres meninas de rua

Ninguém repara nelas, a não ser que tenham algo diferente, rosto ou corpo bonito. Perambulando pelas ruas, vendem balas; biscoitos; chicletes; limão; amendoim; bilhetes de loteria.

Podem viver só disso, ou de venderem o corpo – seja para conseguirem dinheiro para si e para a casa, seja para manterem o vício. Têm entre 10 e 16 anos e existe um “lar” geralmente à sua espera – ou melhor, à espera do dinheiro que conseguirão como pequenas prostitutas.

Como não são criminosas, têm apenas desvio de conduta e não são enquadradas na lei. Quando simples vendedoras itinerantes, passam quase despercebidas. Mas há as que estão nas esquinas e em certos locais conhecidos para oferecerem o corpo como quem oferece um objeto em uma vitrine.

Usam roupas curtas, colantes e maquiagem forte. Abordam turistas nas ruas ou em “inferninhos” e participam às vezes de shows. Algumas se vestem mais requintadamente, cobrando preços mais altos – em dólar – e a sua oferta é feita de modo mais exigente e sofisticado, claro.

Muitas dessas meninas caíram na vida em razão de experiência extremamente dolorosa: o estupro, por exemplo, talvez pelo próprio pai. Não é raro acontecer tal barbaridade, sobretudo quando este tem o hábito de beber ou se drogar, ou não se dá bem com a mulher.

Há muitas mães que, vivendo na penúria, empurram as filhas para a prostituição; arrastam-nas para a rua, obrigando-as a venderem o corpo para levarem dinheiro para a comida ou para o vício da “família”.

Mas pode acontecer também de serem atiradas fora de casa, lançadas ao mundo cão, no universo da prostituição, pelo fato de terem perdido a virgindade. Após a expulsão de casa, caem fundo na vida “fácil”.

Um fato muito triste, também, é o que acontece quando essas meninas desejam se integrar ao grupo de garotas e rapazes. Para serem aceitas, elas são obrigadas a passar de mão em mão, sem resistência.

Por medo da solidão e da discriminação, acabam aceitando qualquer negócio... A desonra, a exploração familiar, a miséria, a solidão e até mesmo a maldição herdada pelas gerações são fortíssimas contingências que levam essas infelizes meninas de rua ao caminho da prostituição.

Não tenho a menor dúvida de que o que mais lhes falta é amor, e será somente pelo amor sincero que encontrarão o caminho de volta à Casa do verdadeiro Pai, ou o caminho seguro, o único Caminho, que jamais chegaram a conhecer. Pois o amor é forte como a morte, como diz a Palavra de Deus (Cantares 8.6).

CAPITULO 20

A loucura da idolatria

É muito perigoso endeusar pessoas e objetos. Ninguém deve querer ser ídolo de ninguém. Além da responsabilidade e da escravidão que isto representa, existe uma lei que diz que só se pode adorar a um Deus – o Único e Verdadeiro.

Quando adoramos a um “deus” de carne e osso corremos o risco de tremendos desencantos. De repente percebemos que aquela criatura pela qual vibrávamos, que desejávamos tanto imitar, tem fraquezas e feridas que imaginávamos impossíveis. Construíamos na mente uma imagem que absolutamente não correspondia à realidade.

Emprestar “divindade” a alguém é usurpar de Deus o que é devido exclusivamente a Ele. Só Deus tem o direito de ser adorado e de receber culto. As Escrituras condenam definitivamente todo tipo de idolatria a astros – Sol, Lua, estrelas – a componentes da natureza e a entidades ocultistas, bem como a homens.

Por exemplo, a tragédia acontecida no Rio de Janeiro, há alguns anos, com o Bateau Mouche, um barco que nas noites de 31 de dezembro levava as pessoas para assistirem, da Baía de Guanabara, à queima de fogos de artifício na passagem do ano, demonstrou quão insensatos são os que se envolvem em festividades e comemorações pagãs.

Na noite de 31 de dezembro de 1988, quando o mar e uma entidade do ocultismo estavam sendo homenageados, embarcou para o fatídico passeio um número de pessoas bastante superior ao que suportava a embarcação.

Cinquenta e cinco pessoas morreram. Muitos alegaram que resolveram participar do passeio apenas para se divertirem, beberem e apreciarem a beleza dos fogos de artifício, esquecendo as más experiências passadas e sonhando com coisas melhores para o futuro.

O que esse povo todo, que encara com tanta superficialidade tais programas,

ignora, é que por detrás de entidades cultuadas nas práticas de ocultismo existem demônios disfarçados, os quais exercem domínio sobre todas as comemorações e festividades em torno das figuras veneradas.

Estes espíritos atraem o povo para as praias por meio de um falso colorido, alegria e delírio ilusórios, enganando-o com as suas adivinhações e prognósticos. Seu propósito é levá-lo ao engano, à idolatria e ao inferno. Conta-se o seguinte testemunho:

“Por curiosidade, fui passar o Ano Novo na praia, no litoral de Santos, São Paulo. Chegando lá, logo percebi uma grande euforia nos adeptos das práticas de ocultismo.

Ao passar na frente da tenda armada na areia, vi uma fila de devotos oferecendo sacrifícios às entidades. Notei que junto ao pai-de-encosto estavam três auxiliares, que se manifestavam para pedir oferendas, comidas e bebidas sacrificadas.

Muitos dos presentes eram convidados a beber o sangue do animal que estava sendo sufocado como oferenda. Os que bebiam tinham por obrigação despachar ao mar flores, perfumes etc., como presentes para entidades. Deviam depois dar sete mergulhos sobre sete ondas.

Eles assim fizeram, e dentre os que mergulharam três morreram, justamente os tais auxiliares. Não tendo recebido a proteção que esperavam da entidade que cultuavam, foram tragados para o fundo do grande e temível mar.”

Loucuras e tragédias como essa são o propósito de todos os demônios e o fim daqueles que adoram deuses. A juventude tem tendência a idolatrar grandes figuras do *rock*, da música pop, etc., e verdadeiras tragédias têm acontecido em razão do seu fanatismo.

De vez em quando temos notícia de adolescentes mortos em apresentações de ídolos da música jovem, como aconteceu em julho de 1987, segundo divulgado pelo *Jornal do Brasil*, em matéria que teve a seguinte manchete: “Fã morre em show de David Bowie”:

“Slane, Irlanda: A apresentação do cantor inglês de *rock* David Bowie, num anfiteatro próximo a um castelo do século XVIII, em Slane, reuniu cinquenta mil pessoas e acabou em tragédia.

Um jovem tentou atravessar a nado o agitado Rio Boyne para assistir ao concerto e morreu afogado. Outro fã, atingido na nuca com uma garrafa quebrada, corre risco de vida.

A polícia informou que setenta e cinco pessoas foram detidas na ocasião, em virtude de envolvimento com drogas e bebidas.”

O show de Bowie em Slane precisou ser interrompido por duas vezes, tamanha era a confusão perto do palco. No auge do empurra-empurra, o cantor parou em meio a uma música e disse à multidão: “Nenhum de nós veio aqui para ver gente quebrando braços e pernas”.

Logo depois, quando a segurança interveio para apartar uma das brigas, encontrou um rapaz com a nuca cortada. Aparentemente sem saber do afogamento, Bowie deu continuidade à apresentação na sua turnê pela Europa, reunindo uma média de cinquenta mil pessoas por show.

Aliás, a violência, o álcool e as drogas são o elemento constante nos festivais de *rock*. O Rio de Janeiro já foi palco de eventos parecidos. Terminada a loucura das apresentações, vinham à tona pela mídia os descabridos e as tragédias que as marcavam.

Em um desses eventos, que durou dez dias, foram atendidas no posto médico de urgência 3.574 pessoas. Segundo os médicos, o maior percentual de registros foi em decorrência da ingestão de álcool.

Também, logicamente, atuaram os tóxicos, como a maconha e a cocaína. Houve brigas e mortes. Houve em torno de cem menores perdidos. Evidentemente, muita bebida rolou!

Chegado ao fim o infernal encontro, milhares de roqueiros, cansados e sonolentos, invadiram a Rodoviária Novo Rio, espalhando-se pelas dependências. Alguém chegou a dizer que parecia gente morta esparramada por todos os lados.

Um dos roqueiros declarou à imprensa: “Nós reverenciamos o som, o demônio e até o Satã que tem dentro da gente”. Uma fã chamada Gabriela, na ocasião com 17 anos, da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, declarou: “Foi chocante; eu me libertei e ao meu corpo. Fiquei nua, purifiquei-me e dancei. Dancei muito, exorcizando os meus demônios”.

Soube-se que três metaleiros paulistas foram chacinados logo depois do encerramento do tal evento, arrastados matagal adentro. Suas mochilas foram colocadas longe, para dificultar a identificação.

Em meio a roupas, panfletos da Assembléia de Deus e outros papéis, foi encontrado um broche da chamada “cidade do *rock*”, com o nome do conjunto *Iron Maiden*, de *rock* “pauleira”. O que me comoveu profundamente nesta notícia trágica foi o fato de o meu livro *A Dose Mais Forte* ter sido encontrado no meio dos objetos dos metaleiros assassinados.

Ignoro a rota que ele seguiu, como chegou até aqueles infelizes rapazes, e nem ao menos sei se o leram, mas tudo é possível! Talvez algum deles tenha lido e se tocado com a narrativa. Quem sabe? Deus tem a resposta...

Infelizmente tais festivais de *rock* continuaram se repetindo na Cidade Maravilhosa. Mas um caso que me impressiona é o de uma famosa cantora de *rock*, brasileira, muito influente no meio musical e grande porta-voz da juventude brasileira.

Lembro aqui que não é minha intenção desmerecer a figura de ninguém. Meu propósito é apenas discernir as coisas espirituais, provar os espíritos e orientar os leitores, evidentemente buscando inspiração divina.

Aliás, o apóstolo Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, aconselha: “*julgai todas as coisas, retende o que é bom; abstende-vos de toda forma de mal.*” (1 Tessalonicenses 5.21,22).

Em uma entrevista divulgada pela mídia em dezembro de 1987, ao ser perguntada sobre o que pensava das drogas, a cantora e compositora respondeu:

“Já experimentei de tudo em termos de drogas, e agora estou careta. Tomei muito ácido nos anos 60 e 70. Jamais tive uma *bad trip* (viagem ruim). Usei cocaína durante nove anos; experimentei heroína, que chamo de *heavenly hell* (inferno maravilhoso), pois é superperigosa, boa e terrível.

Sou uma ótima enciclopédia para os meus filhos, que não vão querer usar nada por rebeldia. Não vão tomar o que o pai e a mãe tomaram, porque vão achar careta. Estou há dois anos sem cigarro, sem *beise*.

Abandonei tudo que era fumaça em benefício da minha voz, apesar de achar que

a *cannabis* es una planta de Dios. Mas estou mais para Timothy Leary do que para irmã Paula ou Darlene Glória; na base do não, obrigada, quem sabe um dia?”.

Espero que a influente voz dessa conhecida figura do meio musical brasileiro beneficie as “noviças” do vício, no sentido de “se tocarem” e pararem.

Lembro que no final dos anos 60, início dos 70, quando andava tomando muita anfetamina na veia, suas músicas me tocavam muito, elevando-me demais o “astral”, no sentido de descer mais fundo no mundo das drogas.

Suas canções eram, nessa época, muito convidativas. Não atribuo aos *popstars*, roqueiros e adeptos do *heavy metal* – que brilharam nos “anos dourados” – culpa de coisa nenhuma.

Mas ninguém pode negar que muitos desses músicos, perturbados em seus pensamentos, buscam inspiração em várias fontes, e de repente elas podem ser terrivelmente promíscuas e perigosas, levando a corrupções sexuais, fruto de desilusões amorosas, ou ao próprio resultado ou efeito de drogas alucinógenas.

Sei que certas canções, quando batem nos ouvidos de muitos jovens problemáticos, chegam com som falso de solução – uma espécie de porta, caminho, saída ou escape.

Na verdade, a sugestão que elas provocam na mente supersensibilizada do jovem que anda louco, à cata de ajuste, emoção, mudança, experiência, loucura, é uma sugestão altamente identificável, pois parte de mente doentia, muito embora se chame a essa espécie de mente adoecida de “sensível à arte e à vida”...

No fundo, a linguagem de alguns moços, o som e a letra de algumas canções são a mesma coisa – só mudam de doador para receptor.

Quando um jovem percebe identificação com um certo cantor ou cantora, ele se sente lisonjeado, acreditando-se “na crista da onda”, no auge da vida. Passa, então, imediatamente, a mudar o comportamento, a maquiagem, as roupas e o caráter.

Enfim, torna-se discípulo daquele que adotou como ídolo, adorando e servindo a criatura, em lugar do Criador, como lembra o apóstolo Paulo em Romanos 1.25.

CAPITULO 21

Viver é o que seu filho mais quer!

Sem dúvida nenhuma, viver é o que o jovem mais quer. O que ele abomina são os problemas que o rodeiam e as angústias deles decorrentes, que o empurram a uma tremenda depressão, levando-o a gestos treloucados, sinal muito significativo de que as relações familiares já não existem, ou estão esfaceladas. Os comportamentos de desespero são geralmente precedidos de muitos sinais, expressos de muitas maneiras: o alheamento e a inapetência, ou o contrário, o apetite voraz; a rebeldia; a agressividade; o silêncio ostensivo; o choro; a fuga de casa, etc.

Entretanto, nem sempre a família percebe o que está se armando na mente da criança ou do jovem. Ela muitas vezes não se dá conta sequer dos sinais de desistência da vida, evidentes no seu modo de viver, suas reações: sono excessivo, preguiça, fraco rendimento escolar, etc.

Talvez ela mesma se encontre imersa em tantas dificuldades para sobreviver, que o quadro de angústias e de doença emocional de um ou alguns dos filhos lhe passe despercebido. Comentários como estes são comumente ouvidos:

“Meu filho anda muito esquisito: tristonho, arredio, quase não fala, e se me olha é sempre de maneira estranha, alheia, enviesada. Não me encara nunca; suas respostas são monossilábicas, ou ácidas, rancorosas e atrevidas, sem o mínimo de carinho, atenção ou respeito.

Parece estar sempre no mundo da Lua... Não consigo alcançá-lo. Nada sei da sua vida, seus pensamentos, interesses, o paradeiro. De onde chegou? Ignoro. Para onde vai? Nada sei. Tudo nele é mistério!”

Isto é trágico! É sintoma de algo muito ruim. Seu filho pode não estar feliz, ou a sua cabeça está sendo feita por alguém, por grupos, pessoas doentes, companhias perigosas, ou ele está se sentindo triste, melancólico, à margem da vida, solitário, vazio...

Não tente saber à força o que lhe acontece. Tenha paciência! Aguarde! Mas enquanto espera, vá lhe oferecendo carinho, amor, boa-vontade e compreensão, e não lhe cobre nada!

A cobrança é uma das coisas que mais enraivecem. É preciso que ele encontre segurança em você. Se você demonstra medo e inquietação, esta sua posição só irá contribuir para empurrá-lo mais para longe, afastá-lo ainda mais, fazer com que não sinta nenhum desejo de estar ao seu lado e de voltar para casa.

Não o paparique; por outro lado, não o trate com desamor. Lembre-se de que a sua casa é provavelmente o último reduto que lhe resta! Infelizmente os problemas se transformam num círculo vicioso que atinge toda a família, cada qual talvez engolindo em seco e solitariamente o seu próprio drama.

Há meninas, por exemplo, em lares paupérrimos, sem chance de viverem sua juventude, trabalhando fora desde cedo ou servindo como mãe substituta; carregam duas cargas tremendas, a dos conflitos naturais da idade e a da responsabilidade pelo dia-a-dia dos irmãos, num lar triste, infeliz e miserável.

Além do problema da sobrevivência aliam-se comumente as dificuldades criadas pelas próprias atitudes dos pais, freqüentemente neuróticos; perversos; anormais; frios; autoritários; egoístas; sem o menor preparo, nem a mais longínqua inclinação para a paternidade ou maternidade.

Podem desfrutar de condições econômicas muito boas, sendo, no entanto, emocionalmente doentes ou inválidos. Em tais casos, a estabilidade financeira pouco faz: os filhos vivem debaixo de silêncio; abandono; indiferença; gritos; xingamentos; agressão; incompreensão; mutismo e solidão.

É freqüentemente em razão do difícil relacionamento familiar, da solidão e da desesperança que muitos jovens capitulam e desistem. Muitas crianças crescem provando de tudo, tendo pleno acesso ao mundo adulto – sexo, drogas, dinheiro – mas por deixarem de viver as inclinações naturais da sua fase da vida permanecem imaturas, desequilibradas e infelizes.

Outras vezes elas têm demais e acabam entediadas; e quando lhes surge um problema, não sabem como resolvê-lo. Por isso buscam a fuga.

O fato é que a grande maioria dos pais entende muito de Física; Química; Economia; Culinária; Informática e até mesmo Religião ou Psicologia, mas nada

sabe a respeito da alma dos filhos!

De onde lhes virá o socorro? O socorro vem unicamente do Senhor, que fez os Céus e a Terra, e tudo o que neles há (Salmos 121).

CAPITULO 22

Quando o adolescente pede socorro

Somente entendendo cada situação em particular, examinando-a com carinho, isenção de espírito e muita atenção e interesse se poderá conhecer a verdadeira razão de tantos casos de desistência da vida por parte dos adolescentes. A Palavra de Deus diz:

“...Senhor, além de ti não há quem possa socorrer numa batalha entre o poderoso e o fraco; ajuda-nos, pois, Senhor, nosso Deus, porque em ti confiamos (...) Senhor, tu és o nosso Deus, não prevaleça contra ti o homem.”

2 Crônicas 14.11

Alguns médicos se preocupam realmente com o problema dos adolescentes, colocando-se como intermediários entre eles e a família. Sabe-se que nos Estados Unidos o suicídio é a terceira maior causa de mortes.

Em 1984, o Dr. Lauro Monteiro, chefe do Serviço de Pediatria do Hospital Souza Aguiar, no Centro do Rio de Janeiro, mais tarde presidente da Abrapia, Associação Brasileira Multiprofissional de Apoio à Infância e Adolescência, manifestou um pensamento muito importante a esse respeito, no qual ficou transparente o seu propósito firme de ajudar o adolescente.

Sua grande preocupação era conscientizar as famílias de que o fato de os adolescentes fazerem ameaças de suicídio não significava que eram psicóticos, mas pessoas “em dificuldades, pedindo socorro”.

Afirmou ele que o gesto é um “sinal significativo de que a dinâmica do relacionamento precisa ser revista”. Acrescentou que uma pesquisa feita em 182 dessas vítimas, no seu consultório ou no ambulatório no Souza Aguiar, revelou que normalmente aquele gesto é apenas a gota d’água num conjunto de dificuldades e insatisfações que começou na infância.

Houve casos de meninas que chegaram a isso pelo fato de uma amiga ter-lhes

roubado o namorado. Sondando as razões, foi verificada a existência de uma aguda carência afetiva. Se os meios usados para a tentativa forem de risco não-letal, é possível que ela volte a acontecer, e de forma mais drástica.

Um dos meios utilizados são os tranqüilizantes, muitas vezes encontrados à mão na própria casa; também a bebida. Misturados os dois, os riscos são imensos.

As drogas mescladas ao álcool, os analgésicos, os barbitúricos e substâncias cáusticas são freqüentemente usados, e é impressionante a facilidade que os jovens têm de obtê-los.

Assim, quando o adolescente entra em crise, no impulso de tentar se matar, busca o elemento mais à mão. É fundamental acompanhar o jovem de perto, com muito carinho e interesse, sem tentar se impor ou revelar preocupação exagerada, o que é contraproducente.

Também é importante conhecer os seus hábitos, os amigos, as preferências, seguir-lhe os passos, enfim, mas com grande tato e sabedoria. A par disso, facilitar-lhe os meios de ocupação e entretenimento saudáveis e que lhe agradem. No entanto, acima de tudo, a conduta correta e digna é essencial, assistida de perto por muita oração e perseverança.

Há muitos pais cuidando de si mesmos, sob a alegação de que já deram demais de si, que agora precisam “viver”. Por que não viver pelos filhos? Será que não vale a pena?

É preciso não esquecer jamais o que o apóstolo Paulo diz na sua primeira carta a Timóteo: *“Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente.”* (1 Timóteo 5.8).

CAPITULO 23

Adivinhe onde a droga está escondida

Opróprio Senhor Jesus disse: “...pois nada há encoberto, que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser conhecido.” (Mateus 10.26). Os policiais, todos os dias, nos aeroportos internacionais do mundo inteiro, tentam descobrir esconderijos de drogas.

Eles já não sabem mais o que imaginar como possível local ou meio de ocultação das substâncias entorpecentes. Pesquisando notícias desse tipo, fiquei perplexo ao ter conhecimento do aguçado espírito inventivo das pessoas envolvidas com drogas.

Poderia, por exemplo, alguém imaginar que lindos peixinhos coloridos pudessem ser recheados com a terrível heroína? Pois foi esta a notícia publicada no *Jornal do Brasil*, na sua edição do dia 18 de março de 1988.

Para intensificar o tráfico de drogas, tudo é válido. Só se precisa de imaginação para inventar novos esconderijo, inexpugnáveis, indevassáveis aos olhos de qualquer arguto policial ou ao faro de cães adestrados para detectarem a droga.

Hoje já é banal um falso ventre, ou falso busto escondendo o veneno. Um caminhoneiro certa vez recheou os pneus de reserva com 53 quilos de maconha, imaginando que jamais seria pego em flagrante, mas se deu mal!

Conforme o tamanho e o volume da droga, ela pode ser escondida em lugares incríveis. O LSD, por exemplo, difundido nos anos 60, com a moda *hippie* (época do “Paz e Amor”), podia – e pode – ser encontrado em um simples selo postal, no lugar da cola.

Uma vez lambido, o ácido é capaz de levar alguém a fazer uma “viagem” alucinada, já que para tal efeito basta uma quantidade quase microscópica. Quando a carga é volumosa, há outros meios de transportá-la.

Muitos ainda se lembram do iate de bandeira panamenha *Solana Star*, de onde

foram lançadas ao mar 22 toneladas de latas de maconha prensada. Estas latas, vendidas aliás em grande quantidade, deram o que falar.

Milionários, donos de iates, tiraram férias para se queimarem ao sol, convidando amigos a participarem junto com eles da caçada aos “tesouros” perdidos em alto mar...

Até mesmo religiosos entram na arte maliciosa dos traficantes. Um sacerdote libanês, uma das mais altas autoridades eclesiais do seu país, há alguns anos foi preso em Roma, capital italiana, com um quilo de heroína sob a sua veste sacerdotal. Ele fazia parte de uma quadrilha internacional de traficantes, que tinha seu “quartel general” em um luxuoso hotel naquela cidade, onde fabricava artesanalmente o *crack*, mistura fortíssima – às vezes mortal – de cocaína e outros estupefacientes.

A polícia encontrou no seu quarto, em uma mala, entre os paramentos para a celebração litúrgica da sua prática religiosa, três quilos de cocaína puríssima e três quilos de heroína.

Em novembro de 1987, o FBI, a Polícia Federal norte-americana, desarticulou o que na ocasião era a mais sofisticada rede de narcotráfico dos Estados Unidos. Contratada pelo chamado cartel de Medellin, grupo da Colômbia, que fornecia 80% da cocaína consumida nos Estados Unidos, a rede tinha Miami, na Flórida, como centro das suas atividades.

Usando aviões de transporte e moderníssimos aparelhos à base de raios infravermelhos, a rede tinha a seu serviço, em seus vôos disfarçados de cruzeiros turísticos, lindas e sofisticadas modelos.

Por mais que se procure, é difícil enganar as autoridades que tentam honestamente desvendar o oculto. Quando realmente honestas, elas são apoiadas por Deus, pois foram por Ele instituídas. Assim sendo, aqueles que lhes resistem, desobedecendo inclusive a um simples guarda de trânsito, estão se insurgindo contra a ordenação de Deus, atraindo para si condenação. Mais cedo ou mais tarde terão de reconhecer como real a afirmação bíblica: *“Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações...”* (1 Coríntios 4.5).

Dizem ainda as Sagradas Escrituras: “*Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no Maligno.*” (1 João 5.19). O que impera no mundo é degradação, vício, miséria e corrupção. Mas a verdade do Senhor é como a luz da aurora; logo ela deixará a descoberto toda a obra maligna.

Se você está comprometido com a miséria, com a desgraça física e moral, ligue-se a Jesus. Só Ele pode livrá-lo da sua condição deplorável. Se você buscar socorro em Jesus Cristo, poderão cair mil ao seu lado e dez mil à sua direita, mas você não será abalado (Salmos 91.7).

Depoimentos

O que fez na minha vida o livro

A Dose Mais Forte

Prezado Renato Maduro,

Aos 12 anos de idade, quando tive oportunidade de passar férias em Belo Horizonte, Minas Gerais, na casa de uns primos, viquei-me em drogas. Aprendi a fumar maconha, e daí em diante não parei mais. Quando voltei, imaginei que aquilo já pertencia ao passado, que fora apenas uma influência, uma simples tentação. Contudo, não tive como sobreviver sem a droga.

Sem que meus pais tivessem conhecimento, comecei a procurá-la, envolvendo-me, em razão disso, com o pior elemento possível. Finalmente, para consegui-la, adquiri o hábito de roubar pequenos objetos de casa. Infelizmente, minha mãe descobriu. Quando isso aconteceu, tudo piorou: meu pai, revoltado, tentou me livrar do vício com pancadaria. Insubmissa e irada, fugi, indo morar com um traficante, que me induziu a vender a erva para ele.

Fiz isso durante quatro anos. Mais tarde deixei a maconha e me entreguei a drogas mais violentas, até passar a me aplicar duas ampolas diárias. Um dia, um dos nossos principais fregueses começou a frequentar a Igreja Universal do Reino de Deus, e tudo fez para me tirar das drogas.

Foi quando ele me trouxe o seu livro *A Dose Mais Forte*. Zombando da capa, decidi ler. Logo percebi que o senhor entendia do assunto. Fui lendo, sem muito interesse a princípio, mas de repente me senti tão presa à leitura que a terminei chorando muito.

Resolvi então visitar a Igreja Universal do Reino de Deus. Lá encontrei minha mãe, de quem havia bastante tempo não tinha notícias, e participei da corrente de

libertação, às sextas-feiras.

Voltei para casa, começando uma vida nova. Hoje lhe escrevo, cheia de gratidão, por ter me ajudado tanto com o seu livro apaixonante. Eu afirmo que “a dose mais forte” é Jesus e que a fé remove montanhas!

Maximiniana José da Silva

O prazer nas execuções

Foi na escola que tive o primeiro contato com a maconha. Logo, o encontro para fumar a droga com os colegas se tornou hábito diário. Daí para a cocaína não demorou, e esta nova oportunidade foi ainda mais forte e emocionante. Tomado de paixão, em virtude dos efeitos do pó que me enchiam de euforia, mergulhei fundo no vício. Havia dias em que cheirava 50 gramas com os parceiros.

O dinheiro escasseava, e os amigos se transformaram em companheiros de quadrilha, sempre prontos a roubar e assaltar com a finalidade de sustento do alto custo da cocaína. O sucesso da série de furtos da quadrilha recém-criada por mim fez com que eu e outros recebêssemos convite para entrarmos nas fileiras do conhecido traficante Dênis, que controlava o Morro da Rocinha, no Rio de Janeiro.

Envolvido definitivamente no crime organizado, o grupo ao qual eu pertencia saía nos fins de semana para realizar execuções horríveis, verdadeiras matanças. Eu sentia prazer em tudo aquilo, um gosto pela morte, pelo cheiro de sangue e pelo barulho dos tiros, reação conseqüente da cocaína, que me deixava fora de mim, e também da comunhão com entidades nas casas de encosto.

Todos nós da quadrilha participávamos daquelas práticas de ocultismo, acreditando que nos daria proteção. Muitos faziam uma espécie de pacto mais íntimo com as entidades cultuadas, para suposta proteção e sucesso nos crimes ainda maiores.

Nas matanças do bando eram assassinadas em torno de dez pessoas, ligadas a quadrilhas rivais, juradas de morte por motivos diversos, bem como tarados que houvessem cometido alguma atrocidade dentro da área da quadrilha. Certa noite, eu dormia no meu barraco quando ouvi seqüências de tiros de metralhadora e muita gritaria. Um jovem integrante de uma quadrilha rival tinha invadido a casa de um dos chefes da turma do Dênis, que o tinha fuzilado.

Quando o pessoal da área encontrou o corpo do jovem metralhado, jogado na ribanceira, ateou fogo ao cadáver e passou a esbagaçá-lo com golpes de foice e enxada.

Completamente possuído por uma força demoníaca, eu gritava: “Vamos cortar este churrasco em pedaços, comer com uísque e cheirar cocaína a noite inteira!”.

O inferno aumentava de intensidade na minha vida, até que se iniciou a Operação Mosaico, das Polícias Civil e Federal, em vários morros e pontos de venda de drogas no Rio. Realizada em meados de 1989, acabou dizimando quase toda a quadrilha. Muitos integrantes morreram e os sobreviventes foram presos. No final da perseguição, na qual algo sobrenatural me livrou da morte, tive um encontro com o Senhor Jesus, libertando-me da vida de crimes e do vício da cocaína.

Gesualdo José Cunha

Minha vida de aventura no submundo

Sou Paulo Nunes Falcão. Nasci em Recife, em 1964. Meu pai trabalhava na Polícia Civil, era honesto e muito rígido no seu modo de ser e de lidar com os outros. Orgulhava-se de nós, os filhos, e tinha imensa raiva – assim dizia – de ladrão e maconheiro. De tanto falar em viciados, acabou despertando em mim a curiosidade em relação à maconha.

Após a sua morte, causada por um câncer, em 1975, a situação da família se complicou. Minha mãe ficou responsável por três filhos e contava apenas com uma pequena pensão e o socorro eventual de familiares. Como filho mais velho, fui designado “o homem da casa”. A idéia me agradou; senti-me superior a todos, inclusive à minha mãe, a quem aos 13 anos de idade não mais obedecia.

Comecei a freqüentar clubes e bares, onde passava noites inteiras, apesar das muitas reprimendas e aflições da minha mãe. Aos 14 anos, eu me droguei pela primeira vez, tomando oito comprimidos, seguidos de rum e cerveja. A experiência não me agradou, em vista de ter sentido apenas mal-estar. Meus amigos concordaram. Só Antônio discordou, já que se drogava havia mais tempo. Com pouco menos de 16 anos, comecei a trabalhar em uma loja de discos. Fiz novas amizades – com exceção do Antônio, todos os antigos amigos me pareciam agora “caretas”.

Abandonei os estudos. Só queria saber de mulheres, discotecas, bebidas e a droga chamada loló, que passei a cheirar. Eu a cheirava com tal freqüência – até na frente da minha mãe – que logo me viquei. Aos 17 anos experimentei a maconha oferecida por um amigo. Na primeira vez nada senti. Insisti, porém, e então gostei. Inicialmente fumava só nos fins de semana. Em pouco tempo passei a fazê-lo diariamente, várias vezes por dia.

Atingida a maioridade, pedi demissão do emprego para servir na Aeronáutica. Entretanto, fiquei para a segunda turma, que só seria chamada dentro de seis meses. Durante esse período, sem trabalho, vendi tudo quanto possuía para manter a vida que vinha levando. Quando não tinha mais o que vender, passei a roubar dentro de casa: jóias, roupas, talheres, dinheiro. Mas também isto chegou ao fim. Iniciei então a carreira de “avião”. Fazer “avião” significa ir comprar a

maconha no morro e trazê-la para os viciados, que temem os riscos implicados nisso.

De tanto subir o morro, fiz amizade com os traficantes; passei a ter crédito junto a eles, comprando a erva e pagando depois. De igual modo eu me envolvi com marginais, com os quais bebia, fumava maconha e cheirava cola. Contava de assaltos dos quais jamais participara, razão pela qual me haviam aceito no grupo.

Passados seis meses fui chamado pela Aeronáutica. Após uma semana de serviço já estava arrependido, pois o dinheiro que recebia não dava para nada – tanto mais que não me era possível continuar com os “aviões”. Aleguei estar doente, com uma úlcera no duodeno, para fugir ao serviço. Precisei fazer uma endoscopia, que constatou a existência da úlcera. De fato, ela surgira e se desenvolvera em função do uso de drogas.

Por outro lado, só me drogando com maconha ou bolinhas é que as dores passavam. O círculo vicioso tinha se instalado. Fui internado oito vezes, ora por situações realmente graves, ora para fugir aos compromissos. Procurado diversas vezes pela Polícia da Aeronáutica, em razão de tantas faltas, acabei deixando minha mãe nervosa, a ponto de não agüentar mais e apelar para tranqüilizantes. Um dia, ela tomou tantos que só não entrou em coma porque eu cheguei a tempo, levando-a para um hospital da rede pública. Devido ao péssimo atendimento, tivemos que transferi-la para um hospital particular.

Nesses três dias de corre-corre – quando ainda assim conseguia me drogar – não compareci à Aeronáutica. Apesar de ter avisado por telefone, ao chegar lá fui preso de forma incomunicável. Desesperado, pois imaginei que ao tomar ciência disso minha mãe poderia até morrer, montei um plano para escapar: prendi na janela um fio que amarrara à cama, imitando uma forca, para pensarem que eu ia cometer suicídio. Dos mais de quarenta comprimidos que peguei de minha mãe, engoli cinco, joguei o resto no vaso sanitário e dei descarga. Espalhei pelo chão os envelopes vazios.

Quando os comprimidos que tomei começaram a fazer efeito, deitei-me no chão, juntei bastante saliva e comecei a pô-la para fora, como se estivesse morrendo. Como estava acostumado a ingerir até três vezes aquela quantidade, sentia-me apenas um pouco sonolento. Quando um soldado passou em frente ao xadrez, ele me viu e chamou o socorro de emergência. Fui levado para o hospital pela ambulância da base, e lá submetido a uma lavagem estomacal e colocado no

soro. Desse modo

fiquei livre da punição. Em pouco tempo, minha mãe e eu saímos do hospital, e tudo voltou ao normal.

Passado algum tempo, uma tia me pediu que levasse um revólver calibre 38 para ser consertado. Um amigo meu, armeiro, reparou-o imediatamente, mas eu o conservei durante algum tempo, como se fosse o necessário para o conserto. Para onde ia levava a arma. Um dia deixei-a sobre a penteadeira, com três balas seguidas a três cápsulas vazias, ou seja, até três tentativas ela não dispararia. Fui tomar banho. Nesse ínterim, meu irmão de 14 anos, Fernando, pegou o revólver para mostrar a um amigo, passou uma casa e tornou a colocá-lo no mesmo lugar. Saí do banho e resolvi passar-lhe um susto. Apontei para ele e puxei o gatilho. Nada aconteceu. Encostei o cano no ouvido e nada. Novamente mirei meu irmão e atirei.

Neste momento Deus empurrou a minha mão e a desviou: o tiro pegou na porta e a atravessou, atingindo a parede. O susto que levei quase me fez desmaiar, porém não foi forte o bastante para me fazer resistir à aventura proposta por dois colegas: um assalto à mão armada. No meio do caminho nós nos encontramos com outro viciado, que se juntou a nós. Quando o efeito da maconha sob o qual nos encontrávamos começou a passar, fiquei com medo de usar o revólver e o entreguei a este último colega que havia se juntado a nós.

Apontando a arma, ele me ameaçou e mandou que eu fosse embora. Os outros dois colegas foram embora comigo, eu irado, jurando que ainda mataria este último colega, o F.

Alguns dias depois, um dos colegas que havia proposto o assalto morreu, com 19 anos de idade, devido a uma overdose aplicada na veia. Não senti muito. Após a sua morte fiz novos amigos, os quais, apesar de não serem ricos, não tinham necessidade de roubar, mas era o que faziam. De bicicleta, juntos, praticávamos pequenos roubos. Éramos procurados pela polícia. A mídia noticiava a nosso respeito.

Um dia, tive oportunidade de agredir, até mesmo de matar aquele colega, o F., aquele que me tomara o revólver. Graças a Deus no último momento me detive, pensando nas conseqüências. Alguns anos mais tarde ele viria a morrer com o corpo crivado de balas.

Continuei com a mesma turma durante certo tempo, roubando sempre que tinha folga na Aeronáutica. Em alguns assaltos cheguei a ser alvo de disparos, mas escapei e não fui ferido. Era muito o dinheiro que me chegava às mãos, porém eu o desperdiçava todo em bares e cabarés, mesmo me afligindo ao ver minha mãe desesperada. Finalmente arrumei outro emprego. Levei dez meses trabalhando em uma firma de equipamentos de som, onde ganhava o suficiente para me manter.

Afastei-me dos amigos que praticavam roubos e assaltos, pois já não tinha mais necessidade disso.

Deixei de subir o morro, passando a contactar com os traficantes por telefone. Marcava um lugar de encontro e eles me traziam a quantidade de maconha que eu desejasse. Os comprimidos, conhecidos como “pedrinhas”, adquiria diretamente nas farmácias. Nessa época, mantive amizade somente com viciados que trabalhavam.

Voltando atrás uns dois meses, antes de começar a trabalhar nesta empresa, terminei um namoro de três anos e iniciei outro. No início do relacionamento estava ainda desempregado. Um dia fui levar esta nova namorada à sua casa, após um fim-de-semana que tínhamos passado juntos. Tinha, no entanto, esquecido de levar dinheiro e precisávamos pegar dois ônibus.

Usei os dois passes dos quais dispunha para ir até a cidade. Lá desisti de levá-la, pois tinha começado a sentir fortes dores no estômago. Tentei inutilmente, dentro de um fliperama, conseguir dinheiro ou passe, para que ela pudesse prosseguir. Lembrei-me então de um amigo, que morava por perto. O único dinheiro que tinha era o que estava junto às entidades que ele cultuava, e a elas pertencia. Mas ele concordou em me emprestar, contanto que eu devolvesse. Assenti, embora achando tratar-se de uma bobagem, uma superstição. Chegando à parada onde tinha deixado a minha companheira, encontrei-a vomitando e com dores intensas no estômago.

Ligando as duas coisas – o dinheiro que pegara das entidades e o fato de ser ela praticante do ocultismo – concluí que o que devia pegar em mim pegara nela. Imediatamente tomei um táxi, para levá-la à casa de uma tia minha, que era também adepta de práticas de ocultismo. Ao entrar no carro, ela começou a agir de maneira esquisita, fazendo caretas e querendo sair. Na chegada ela desmaiou e eu a carreguei até a sala, conforme a minha tia tinha pedido. Esta, então, pegou perfume, cachaça e outras coisas para dar início ao ritual. Embora a minha

namorada não soubesse nada sobre aquele dinheiro, ao manifestar com um espírito maligno ela olhou para mim com muito ódio, acusando-me de ter-lhe roubado. Por esta razão, iria tirar-lhe a vida.

Nesse momento, a minha tia manifestou com outro demônio, afirmando ser “do bem” e capaz de expulsar aquele espírito “do mal” do corpo da minha namorada. Após um ritual que levou mais de uma hora, aquele espírito maligno deu lugar a um outro, que dizia ter sido um médico e me chamou em particular. Queria dizer que a minha namorada havia sido escolhida para ser a mãe do seu filho, que viria ao mundo. Caso eu quisesse, poderia ser o pai. Aceitei, pois não desejava romper o relacionamento com aquela jovem, e também porque ele me assegurou que as minhas dores cessariam tão logo ele deixasse o corpo dela, o que com efeito se deu.

Depois disso, passei a crer no ocultismo. Noivamos e com o correr do tempo eu me arrependi e quis acabar com aquele relacionamento. Diante da minha decisão, aquele espírito maligno se apresentou e ameaçou a vida da minha noiva. Mais uma vez levei-a à casa da minha tia e desisti de romper o noivado. Várias vezes voltou a acontecer a mesma coisa. Uma ocasião, aquele espírito ameaçou tirar a vida de um cachorrinho e tomar-lhe o sangue.

Quando o meu irmão presenciou o cumprimento desta ameaça, resolveu fazer um pacto com o espírito maligno: Em troca de dinheiro, mulheres e escape quando praticasse seus roubos, aos poucos lhe daria a vida. Na verdade ele queria mudar de vida, livrar-se dos vícios, mas não conseguia. Pedia a Deus e não obtinha resposta. Por outro lado, além de viciado, sentia-se desgostoso pelo fato de minha mãe me dispensar mais atenção do que a ele. Isto ocorria realmente, visto ter ela conhecimento de que eu era viciado, e dele nada saber.

Dois meses após esses acontecimentos, terminei o noivado. Na minha imaginação, fixei a idéia de que assassinara um rapaz que teria levado o meu irmão às drogas. Fiquei tão perturbado que pedi demissão do emprego e fui para o Rio de Janeiro. Lá, no bairro de Irajá, subúrbio da Cidade Maravilhosa, conheci uns viciados e por intermédio deles conheci a cocaína, que passei a comprar no Morro do Juramento.

Os três meses que levei no Rio foram suficientes para acabar com todo o meu dinheiro. Trabalhei 18 dias em uma empresa e me demiti. Voltei para Recife e passei a viver um pesadelo. A idéia do assassinato tomou conta de mim e me

dominou de tal forma que levei quase um ano sem trabalhar. Voltei à marginalidade, roubando para manter o vício.

Começamos a roubar juntos, meu irmão e eu. E por andarmos tanto à noite, em zonas perigosas, fomos assaltados também. Com isto criamos ódio aos marginais, passando a atacá-los, roubá-los e agredi-los, apesar de sermos nós também marginais. Passamos a ser procurados não só pela Polícia Civil como também pelos bandidos. Graças a Deus nunca fui pego em flagrante pela polícia, mesmo enquanto traficava.

Um dia passei por uma experiência horrível. Estava com o meu irmão e três amigos, quando resolvemos tomar um chá feito com flor de trombeta. Preparei-o com vinte folhas, em lugar de seis.

Transcorridos vinte minutos, já em casa, começou o efeito do chá: fiquei como louco, confundindo minha própria mãe e suas intenções. Saí e comecei a enxergar vultos estranhos ao meu lado. Não tinha condições de andar sozinho e por isso voltei. O coração batia descompassado. Só quando amanheceu os efeitos foram diminuindo. Então peguei a maconha para vender no centro da cidade.

Um dia, ao me deitar, refleti sobre a vida que vinha levando; se continuasse daquele jeito, logo iria morrer. Resolvi trabalhar, mas desta vez o propósito durou apenas dez meses, visto que a minha saúde piorou com a cocaína, que eu voltei a cheirar. Na realidade eu aliava maconha, bolinha, cocaína e vida sexual promíscua. A úlcera se agravou e peguei sífilis. Conheci G., que por pouco não se viciou. Juntos cheirávamos cocaína, e toda vez eu vomitava. Sentia dores fortes, as narinas sangravam. Com dois meses de namoro nós nos casamos, e poucos dias depois descobrimos que ela estava grávida. Decidi abandonar as drogas, pois não queria que o meu filho levasse a mesma vida que eu.

Nesse tempo descobri ser um “nada”, pois sempre afirmava que no dia que quisesse abandonaria as drogas. E quando tentei abandonar, não consegui. Um dia, aceitei o convite da minha mãe para irmos a um templo da Igreja Universal do Reino de Deus. Ela o freqüentava desde que o meu irmão, tendo assistido ao programa de TV *O Despertar da Fé*, pedira-lhe que fosse à igreja no seu lugar. Na verdade ele desejava ir, mas não encontrava forças para tanto. Minha mãe fez-lhe a vontade, e não se arrependeu: gostou e continuou. Eu me recusava a ir, afirmando que não desejava mudar de vida nem me tornar crente.

Por fim, fui e gostei; senti-me leve e em paz. Conversei sobre o assunto com a minha mulher e ela quis ir também. Fomos com a minha mãe, mas acabei me aborrecendo quando ela pediu a uma obreira que orasse por mim com imposição de mãos. Tirei as mãos da moça da minha cabeça com raiva, dizendo que não precisava daquilo. Acrescentei que todos ali eram ladrões e que tudo que lá se passava era pura mentira. Jamais voltaria àquele lugar! Pouco depois fui demitido do emprego por irresponsabilidade. Viajei para São Paulo, onde iria trabalhar com um tio no jogo do bicho. Com apenas 12 dias naquela cidade, entretanto, resolvi voltar para Recife: não suportava mais tanta saudade da minha esposa.

Ao chegar, ela ficou sabendo que eu não abandonara ainda as drogas. Disse, porém, que gostava do meu jeito drogado, o que se transformou em mais um obstáculo, mais uma desculpa para eu de fato não as largar. Temia que o meu casamento acabasse. Nesse ínterim, descobrimos que o feto estava morto, e G. apresentava uma taxa de hormônios extremamente alta: 16 mil, quando o normal fica entre 0 e 5. Pouco depois, começamos a nos desentender. Passei a dormir na casa da minha mãe, e ela continuou morando com a dela.

Uma noite assisti à TV, após ter fumado um baseado. Ao baterem à porta, deixei que a minha mãe atendesse.

Era a minha antiga namorada, que entrou chorando e indagando a respeito do meu relacionamento com a minha mulher. Afirmou que o nosso casamento não iria durar muito, e que por isso tinha ido conversar comigo. Chorando, contou-me que a família dela não queria que ela fosse me ver, já que eu era casado. Mas ela não se conformava com isso. Percebi, pelas coisas que ela disse, que estava se utilizando de rituais de ocultismo para destruir o meu casamento e me ter de volta.

No dia seguinte, a minha mãe conversou com aquela minha tia que era também praticante de ocultismo, e ela confirmou tudo, sugerindo que eu fosse até lá para desmanchar o que havia sido feito. Não aceitei, pois já cria que o ocultismo é do diabo. Só via uma solução: ir à igreja. Chamei a minha mãe e a minha esposa. Cada palavra que ali ouvia encontrava eco no meu coração. Chorei muito, sentindo-me um terrível pecador. Assim teve início o meu processo de arrependimento. Orei a Jesus, dizendo:

“Senhor, Tu sabes que gosto muito da vida que levo, e que nunca ouvi conselho de ninguém, sempre satisfazendo às minhas vontades, mas a partir de agora eu mudo a minha maneira de ser e Te peço ajuda para abandonar as drogas. Eu reconheço que com a Tua ajuda poderei fazer isto que sozinho e em vão tenho tentado. Estou certo de que agora conseguirei, pois entrego minha vida nas Tuas mãos, para fazeres dela o que quiseres.”

Em seguida, ficamos de pé para a oração do pastor, que começou a ordenar que o diabo saísse da nossa vida. Emocionado, senti-me leve, como se um peso tivesse sido retirado de mim. A partir dali, a decisão foi tomada: abandonaria finalmente o vício. E me sentia fortalecido para tanto. Minha mulher ficou muito feliz, mas minha mãe não acreditava na firmeza do meu propósito, posto que esta não era a primeira vez que eu falara em largar as drogas. Com o passar do tempo, entretanto, ela se convenceu de que a partir dali era diferente. No início foi difícil, mas sempre que sentia desejo de me drogar eu pedia auxílio ao Senhor Jesus Cristo, que me ajudava de imediato.

Afastei-me de todos os amigos, visto que no meio deles a tentação era mais forte. Jesus me libertava cada vez mais. Ele sequer permitiu que eu sentisse os efeitos colaterais que ocorrem quando se deixa a droga, a chamada síndrome da abstinência. Vendo a minha transformação, o meu irmão se voltou para Jesus, sendo de igual modo atendido. São muitas as bênçãos que já alcancei: a libertação das drogas; a libertação do meu irmão; a cura da úlcera e da gastrite, comprovada por exames; a cura da sífilis; a cura da minha esposa, cuja taxa de hormônios voltou rapidamente ao nível normal.

Na igreja, aprendi que Jesus morreu na cruz do Calvário por nós, e que levou todas as nossas enfermidades. Por isso, não aceitei mais as doenças e acreditei na cura do Senhor. Não só nisto Ele nos ajudou, mas também financeiramente, dando-me o emprego que eu pedi na Sua Obra. Não quero mais trabalhar em nenhum outro lugar. Meu maior desejo é aprender mais e mais de Jesus e me tornar pastor, para transmitir aos outros a mensagem de Deus.

Minha mulher também conseguiu um trabalho melhor. Nosso casamento se fortaleceu, pois nos amamos cada vez mais, sentindo o amor, a paz e a alegria que vêm de Jesus. Além de tantas bênçãos maravilhosas, tenho ainda aquela que considero a maior de todas: a certeza de que quando deixar este mundo irei ao encontro de Jesus e com Ele viverei para sempre. Amém!

Pacto maldito

Meu nome é Ricardo Nunes Falcão. Nasci em Recife, em dezembro de 1968. A morte do meu pai, quando eu tinha apenas 7 anos, marcou o início do sofrimento que carreguei ao longo de muito tempo. Com efeito, logo após a sua perda, sofri um acidente que me prejudicou a mente, obrigando-me a usar durante seis anos comprimidos de Gardenal. Em São Paulo vivi um certo tempo filiado a uma determinada organização, até perceber finalmente a verdadeira idolatria que os seus membros cultivavam em relação ao chefe e fundador.

Retornando a Recife, passei a me relacionar com más companhias, na maioria rapazes mais velhos do que eu, entre 18 e 22 anos de idade, enquanto eu tinha apenas 14! Pobres e desempregados, passávamos os dias bebendo cachaça e freqüentando as festinhas e feirinhas da cidade. Foi nesses ambientes que comecei a me envolver com homossexuais, assegurando deste modo o dinheiro que me sustentava o vício. Aos 15 anos já era viciado na cachaça, freqüentemente nervoso e com as mãos trêmulas.

Um dia conheci um rapaz de nome Bruno, que me impressionou por seu jeito extrovertido e alegre, oposto à minha natureza tímida e reservada. Ansiava ter a sua capacidade de conquistar garotas. Por isso, passei a ouvir os seus segredos e a agir do mesmo modo, ou seja, a combinar comprimidos (aliás usados por nossas mães) de Diazepan, Optalidon, Fiorenal e outros com bebidas alcoólicas, tornando-me assim desinibido, alegre e ousado. Usava-os intensamente, quase que diariamente. Se de um lado comecei a ter problemas de saúde, relativos principalmente ao fígado e ao estômago, por outro só me sentia emocionalmente bem sob o efeito das drogas. Fora delas a depressão me dominava.

Minha situação se agravava e eu não conseguia resolver os meus problemas. Não arrumava namorada nem me desvencilhava inteiramente dos homossexuais, o que para mim era uma tremenda vergonha e me levava a pensar em suicídio. Começava na verdade a me sentir escravo de alguma força maligna. Foi quando me lembrei de um relato ouvido na época da minha participação naquela organização em São Paulo, acerca de um pacto entre um jovem e Lúcifer.

Resolvi fazer o mesmo: entregaria a Lúcifer a minha vida, ele faria de mim um marginal e em troca eliminaria do meu ser os impulsos homossexuais. Imediatamente senti que o pacto fora aceito. Passei a sair com mulheres, a roubar e a assaltar. Envolvi-me com marginais altamente perigosos, tornei-me líder e fui preso diversas vezes.

A ingestão de comprimidos em excesso já quase me levava à morte. Ao saber disso, o meu irmão me ofereceu maconha para substituí-los, só que comecei a usar ambos, chegando a arriscar a vida ao subir os morros e adentrar favelas para obter a erva. Percebi que o envolvimento com muitas mulheres não me satisfazia, visto que ansiava por um relacionamento sério e duradouro. Desejei desfazer o pacto maldito, porém, desconhecendo a Palavra de Deus, isto se revelou impossível. O inimigo se apoderou totalmente de mim, do meu corpo e do meu espírito, freqüentemente me atirando ao chão e me levando a praticar loucuras, como por exemplo me drogar cada vez mais, voltar a me relacionar com travestis e tentar várias vezes o suicídio.

A insônia tornou-se freqüente. Em uma das noites em que não consegui dormir, liguei o aparelho de TV e me deparei com um homem falando sobre Jesus e as maravilhas que Ele opera. Foi o suficiente para me encher de esperança. Passei a assistir ao programa diariamente, até que um dia foi anunciada uma concentração no Estádio do Geraldão. Lá, senti e vi o poder de Deus se manifestar. Minha mãe começou a freqüentar a Igreja Universal, orando pelos seus dois filhos viciados. Logo nós dois a estávamos acompanhando.

Hoje estou completamente mudado, liberto do vício e de todo mal, lutando para trazer novas almas a Cristo, o Único que salva, cura e liberta, por pior que seja a situação.

Barulhos estranhos

Prezado Renato Maduro,

Sinceramente, nunca fui viciado em drogas, nem mesmo por curtição experimentava maconha. Um dia, porém, caí no papo de um cara aqui da rua, que me ofereceu um cigarrinho. Dei umas quatro tragadas e fui embora para casa. De repente, meu coração disparou, comecei a ter sensações estranhas, frio, arrepios pelo corpo, um horror!

Aí passei a ouvir uns barulhos estranhíssimos, como se pairassem no ar sobre a minha cabeça. Fiquei super nervoso! Minha mãe e meu pai acordaram e eu lhes confessei que estava dopado.

Meu coração disparava. Meus pais me recomendaram que ficasse calmo, pois logo aquilo ia passar. No dia seguinte já não ouvia os barulhos esquisitos. Então novamente resolvi tirar uns tragos naquele maldito cigarro. Fiquei com medo de voltar a ouvir os tais ruídos, mas dessa vez nada aconteceu. No dia seguinte, na hora de dormir, relembrei os acontecimentos daquela noite agitada. De repente, vindo de muito longe, o barulho retornou. Há dois anos tenho essa “aparelhagem de som” na cabeça.

À noite, se estou insone, ligo-me no barulho; se acordo de madrugada e estou com insônia, ele volta a me perturbar. Já fui ao otorrino, mas ele constatou que não há nada de errado com os meus ouvidos. Gostaria de saber se esses barulhos vão algum dia sumir ou não. De dia não constituem problema, pois estou entretido com atividades e não me ligo neles; mas à noite, quando vou dormir, eles realmente me azucrinam.

•Resposta

Acho que você tem razão de ter “grilo” em relação à maconha. Dizer que não vicia nem faz mal é “papo meio furado”. Se o fumante for pego em flagrante, aí a coisa se complica, porque ele vai ter que se explicar na delegacia. Mas não é disso que estou falando. Tudo começa quando uma pessoa como você se vê forçada a experimentar um cigarrinho. Afinal, você não quer ficar conhecido como “otário” na turma da esquina.

Só que amanhã estará querendo um cigarro maior. E depois que você fuma, a vida lhe parece mais fácil. Como a coisa está difícil para quase todo mundo, você acaba se encharcando de maconha dia e noite, para ter a sensação de que está muito bem, muito relaxado. Por essas e outras, um conhecido meu chegou a fumar mais de dez cigarros de drogas por dia. Evidentemente o cérebro de ninguém agüenta ficar “maconhado” 24 horas seguidas.

Em comparação ao fumo e ao álcool, a maconha tem a agravante de pertencer ao submundo das coisas proibidas, com toda a sua subcultura e os seus subvalores. Portanto, acho muito natural que você tenha experimentado uns “traguinhos” cheio de receio. Um dos seus efeitos é ampliar sensações, seja de que tipo forem. Você “puxou seus traguinhos” já ansioso, com a sensação de estar fazendo algo não muito aconselhável.

Quando o efeito bateu, a sua ansiedade começou a ser amplificada: coração disparado, suor, tremedeira. Aí você se apavorou. E o pânico também cresceu. Resultado: sensação de morte iminente. Mas um “bode” feito esse que você “amarrou” é muito natural. Tem gente que já foi bater em hospitais psiquiátricos dizendo que estava enlouquecendo, por ter tido como você essa experiência.

Só que no dia seguinte isso passa. Mas você me conta que, como resultado, há dois anos ouve estranhos barulhos quando se deita. Aí, sinceramente, o problema já é outro. De dia você trabalha e não ouve nada; de noite eles aparecem. Realmente, é fantástico o efeito da noite sobre as nossas emoções. Enquanto o Sol está a pino, ficamos inundados por humores práticos e olhares objetivos, mas à medida que a noite se aproxima, sai o sentimento prático e entra o poético; sai o clima de trabalho e entra o de sexualidade e paixão.

Como a hora é do amor, há sempre possibilidade de que carregue em si tristeza, ódio e solidão. Se solitária, a mente começa a construir fantasias; monstros carentes invadem a madrugada. Os “grilos” de todo tipo armam uma verdadeira orquestra na cabeça. E é esta orquestra que você está ouvindo. Enquanto a sua mente se ocupa obsessivamente em ouvi-la, você distrai a atenção e não pensa em profundidade sobre como vai indo a sua vida amorosa. Tenho certeza que na hora em que você não se sentir tão solitário esses grilos serão substituídos pelas doces sinfonias que embalam as noites dos enamorados.

Quinze anos de sofrimento

Foram quase quinze anos de sofrimento físico e miséria moral até eu dar com o rumo certo na minha vida. Nesse período, meu envolvimento com as drogas e a marginalidade foi total. De apenas usuário da maconha e da cocaína nas rodas dos colegas de botequim, nas vielas do morro Dona Marta, na Zona Sul carioca, até o tráfico nas bocas-de-fumo foi apenas um passo: não demorou nada!

Vieram assim os assaltos à mão armada, a maioria deles com facas, que resultaram em detenção em delegacias e processos por porte de arma. Como resultado do uso prolongado de bebida alcoólica aliada à cocaína, e da vida desregrada e frenética na criminalidade, criei para mim uma incômoda úlcera nervosa. O abatimento que surgiu com as dores terríveis, aliado ao desemprego, levaram-me a refletir muito sobre a minha vida triste e sem perspectivas. Em vão procurava forças para largar tudo; o vício da cocaína falava sempre mais alto. Pesava também a realidade do dinheiro adquirido fácil nos assaltos e usado nas drogas.

Um dia, alucinado com as dores da úlcera, e perseguido em minha consciência pela vida no crime, entrei em um templo da Igreja Universal e alcancei o tão almejado alívio. Minha conversão ao Senhor Jesus foi instantânea. Fui curado da úlcera e larguei todos os vícios e a marginalidade depois de algumas correntes de oração para libertação. Graças a Deus!

Mauro José Varela

De volta a vida

Chamo-me Mirtes. Fui criada com os meus avós paternos, vindo a conhecer a minha mãe só quando cheguei aos 13 anos de idade. Toda a minha família pratica o ocultismo, nas suas mais variadas ramificações. Tendo nascido no dia 04 de dezembro, diziam que uma certa entidade cultuada nessas práticas era a dona da minha mente. Extremamente revoltada, não resistindo a tanto sofrimento e opressão, tentei o suicídio sete vezes, até os 16 anos. Em todas elas, contudo, Jesus tomava a frente e impedia o trágico fim. Tomei desinfetantes; inseticidas; inúmeros comprimidos; cortei os pulsos; lancei-me das pedreiras da Cidade Nova, entre outras coisas. Na época acreditava ser uma outra entidade o meu protetor.

Após a última tentativa de suicídio, o meu avô me levou para um hospital psiquiátrico, onde comecei a tomar tranqüilizantes. Aprendi que ingerindo álcool junto com eles ficava “doidona”. Possuída por demônios, quebrava tudo, chegando ao extremo de quase matar as pessoas. Perdi os amigos e a família, o alimento e o abrigo. Abandonada, sozinha nas ruas da cidade, entreguei-me a um rapaz com quem fiquei um ano. O sofrimento aumentou. Vivia de um lado para outro. Adoei. Passei a morar com outro homem, com quem tive uma filha, o qual me impingiu todos os tipos de humilhação.

Dele aceitei o primeiro cigarro de maconha. Além da erva, fumava duas carteiras de cigarro por dia e bebia cachaça, enfraquecendo-me cada vez mais. Nesta altura da vida, mudei-me para Cosme de Farias, onde arranjei uma grande amiga. Marise não se cansava de me falar sobre Jesus, enquanto eu fazia pouco caso da sua fé e das suas palavras. Certo dia ela me contou sobre um rapaz toxicômano, que fora liberto de Satanás diante de centenas de pessoas, em um culto na Igreja Universal. Repeti que acreditava que o pastor pagava às pessoas para encenarem curas e libertação. De repente, quando Marise repetiu que só o Senhor Jesus tem poder e só Ele salva, algo se passou no meu íntimo, e eu me comovi.

Já em casa, não pude esquecer a conversa que tivemos. À noite sonhei com Carlos, o rapaz sobre quem ela me falara. Após inúmeros obstáculos que me impediram de ir à igreja, fui um dia. Jesus me libertou e me curou; tornou-me leve e feliz – feliz pela primeira vez em toda a minha vida! A transformação foi tamanha, interna e externamente, de forma que as pessoas mal me reconheciam.

Ao explicar-lhes o que me acontecera, falava de Jesus e do Seu poder em nos trazer de volta à vida. Toda noite sonhava com o Carlos. Não o tirava do pensamento, porém sem esperanças de um dia chegar a me relacionar com ele: sabia que já tinha namorada. Passei a pensar muito sobre o assunto, até que as atividades na igreja nos aproximaram, e fiquei sabendo por ele mesmo que o namoro terminara. Ele, por sua vez, achava que eu era casada, razão pela qual ainda não se aproximara. Em dois meses nós nos casamos. Sinto-me imensamente feliz e grata a Jesus, Senhor da minha vida, a quem tudo devo e a quem amo sobre todas as coisas.

Esta era a minha vida

Sou Lúcia Cláudia Peixoto. A maconha e a cocaína entraram no meu mundo quando eu tinha apenas 13 anos de idade. Os amigos das festas, das reuniões de rua e dos bailes perto do morro onde eu vivia colocaram-me “por dentro” do novo divertimento. Muito inexperiente no uso das drogas, sentia-me aflita por imaginar como haveria de conseguir esconder dos meus pais a nova vida a que me entregara. Um primo me ajudou, dando-me todas as dicas.

Eu esperava pacientemente os meus pais pegarem no sono, para fugir pela janela do quarto e passar as madrugadas consumindo principalmente cocaína. Eram noites inteiras sem dormir, nos “embalos” com a turma. Daí até conhecer os bastidores do crime foi rápido. Sem trabalhar, muito nova, precisava de dinheiro para comprar as drogas. Mas onde obtê-lo? Comecei então a me prostituir com os novos amigos que cheiravam a cocaína, até que o meu primo, que tinha me acobertado, foi baleado e morto numa troca de tiros na boca-de-fumo do morro onde atuava.

Entristecida com sua perda, mergulhei definitivamente no mundo do crime. Tudo pela cocaína! Integrava grupos de execução de marginais de quadrilhas rivais da que eu pertencia. Passei a me prostituir com assassinos profissionais e traficantes. Ganhei de um deles um revólver 765 com o meu nome gravado no cabo. Mas o fascínio da vida na criminalidade e no tráfico de drogas começava a acabar. Aumentavam os pesadelos das matanças de que participava: os gritos e gemidos das vítimas, o sangue, a carne exposta, tudo me vinha à mente como num filme, atormentando-me.

Vivendo praticamente drogada, traí a quadrilha em que agia, passando informações para uma rival de outro morro. Descoberta, fugi para não ser executada pelos ex-amigos. Perseguida e ameaçada de morte no morro onde morava, encontrei uma prima que me levou a uma reunião da Igreja Universal. Entrei para o Grupo Jovem com o pensamento de traficar drogas dentro da igreja.

Numa das orações de libertação realizadas no grupo, entretanto, aconteceu o milagre: de repente eu me vi livre das forças malignas que me aprisionavam.

Que alívio; não podia acreditar! Hoje, levando o Evangelho pelos morros e lugares onde me drogava, surpreendo as pessoas que me conheciam. Muitos não acreditam ser mesmo a Lúcia de antes, tão drástica foi a mudança interior e exterior. Aquela morreu; agora quem vive é a Lúcia de coração novinho em folha!

Liberto da maldicao

Sou Sérgio dos Santos Gouveia. O fascínio pelo dinheiro fácil e pela sensação de poder sobre outras pessoas me levou muito rápido ao mundo dos furtos e dos assaltos à mão armada. Queria ser invejado pelos amigos e admirado pelas garotas do bairro; ter um carro, ótimas roupas, drogas para consumir com os colegas, etc. Mas a vida de um criminoso está sempre por um fio...

Foi isso justamente o que aconteceu comigo, que passei a temer por minha integridade. Um dia, meu irmão me falou das experiências no ocultismo, e da suposta proteção que eu poderia alcançar, realizando os assaltos sem risco de morte. Acreditei e o inferno em que me encontrava se tornou muitíssimo pior. Participando do tráfico de drogas no morro em que morava, e de assaltos para o Comando Vermelho (facção do crime organizado no Rio de Janeiro), eu só pensava em conquistar postos mais importantes nessa máfia.

Após os contatos iniciais no ocultismo, decidi fazer um pacto com o diabo, valendo-me de uma entidade, prometendo oferendas em troca do “fechamento” do corpo. Eu ambicionava a todo custo o sucesso fácil no crime e na vida entregue às drogas e à prostituição, mas sem correr o risco de um tiro fatal. Durante alguns meses tive a sensação de que tudo corria a contento: nos assaltos a polícia sempre chegava bem depois do crime, assim como o tráfico e consumo da cocaína cresciam a olhos vistos no meu dia-a-dia. Passei a cheirar mais e mais cocaína, enquanto o dinheiro dos roubos terminava sempre rapidamente. Relaxei também no pacto com o diabo, que me mandou um recado pelo meu irmão, para que eu cumprisse logo as “obrigações”; do contrário, cairia morto em pouco tempo.

A essa altura senti ter chegado ao fundo do poço. Os bandidos da quadrilha, antes amigos e cordiais, passaram a me perseguir com ameaças de morte. Em pouco tempo perdi a função de gerente da boca-de-fumo, terminando por fugir do morro onde morava. Desesperado, mergulhando cada vez mais no vício da cocaína, por intermédio do meu irmão, que se converteu na Igreja Universal, tive finalmente o meu encontro com o Senhor Jesus. Liberto do pacto maldito feito no ocultismo, tive a vida totalmente transformada.

A luz brilhou na solitaria

Meu nome é Jorge Augusto Meneses. Como todo jovem criado num meio em que estar perto da marginalidade é roteiro diário e obrigatório, iniciei bem cedo – perto dos 16 anos de idade – minha trajetória em direção ao consumo de drogas. Primeiro a maconha, pouco depois a cocaína, ambas estrelas do mundo novo que já adorava. A origem modesta não me permitia a manutenção do vício da cocaína, e o esforço era enorme para conseguir dinheiro para comprá-la.

Foi então que iniciei a minha participação em roubos e assaltos à mão armada, com colegas de tráfico e de vício, para assim obtê-la com mais facilidade. No entanto, não durou muito minha vida de crimes. Logo fui preso e condenado a cumprir uma pena de cerca de três anos no Presídio Esmeraldino Bandeira.

Lá vivi uma experiência terrível, que me marcou profundamente no corpo e na alma: passei quase duas semanas confinado numa cela do tipo “solitária”, denominada pela população carcerária de “surda”, porque não se tinha contato com o exterior senão para receber comida. Era grande a escuridão, o mau cheiro e a umidade, e por isso mal se podia respirar naquele cubículo, além da enorme quantidade de insetos. Era abrir a boca e engolir muitos mosquitos de uma só vez. As necessidades fisiológicas eram feitas num canto, e o vapor que dali subia era insuportável. A série de agressões com o “telefone” (bater com as mãos nos ouvidos da vítima) me deixaram como herança um problema de audição.

Numa das visitas de minha mãe, cristã fervorosa, recebi dela uma Bíblia e uma camisa ungida na igreja que freqüentava. Junto com o presente veio a promessa: “Meu filho, vou te ver fora da prisão muito em breve. Basta usar com esperança e fé esta camisa e ler a Bíblia”. Meio incrédulo, assim mesmo eu as guardei, experimentando um pouco da esperança da minha mãe no coração. Sete dias depois recebi a liberdade. Hoje sigo firme o Senhor Jesus.

Um inferno de vida

Não vou revelar o meu nome, mas gostaria que o meu testemunho servisse para resgatar muitos do inferno que eu experimentei. Eu era ainda pequeno, meu pai estava preso e minha mãe deixava Salvador, capital baiana, em direção a São Paulo. Logo em seguida fomos nós, os filhos, para iniciarmos a vida no Sul, como dizem os nordestinos. Só que a minha vida muito cedo se tornou tumultuada e problemática.

Ao chegar, empreguei-me numa firma como almoxarife. Ali um colega viciado em drogas me deu a primeira dose. A partir de então, passei a me relacionar com viciados e traficantes, entregando-me totalmente às drogas. Com isto, iniciei a minha “carreira” nas prisões e nos hospitais. Com efeito, um dia, denunciado pelo marginal que me vendera ouro, fui pego dormindo pela polícia. Era a minha primeira prisão. Dominado pelo sentimento de vingança, queria matar aquele homem e me drogava cada vez mais, a ponto de ser hospitalizado.

Só então, informada pelo médico, minha mãe tomou conhecimento do estado em que eu me encontrava.

Conseguiu um emprego para mim como *office-boy*, porém diante da minha segunda prisão ela resolveu mandar-me para Itu, no Estado de São Paulo. Fui, assim, morar com o meu irmão, também viciado, mas sem que a minha mãe soubesse, pois ele deveria tomar conta de mim. Comecei a traficar drogas e objetos roubados entre as cidades de Itu e de São Paulo. Reuníamos a quadrilha em nossa casa e ali distribuíamos a maconha e a cocaína. Acabei me tornando chefe dessa quadrilha de traficantes. Entre os roubos; as festas; os encontros; as brigas; as prisões; as torturas; entre tudo, enfim, havia sempre a presença massacrante da droga.

Novamente solto, tornei à mesma vida e ainda mais revoltado e endurecido pelo desejo de vingança. Nem mesmo o retorno a Salvador me livrou desses laços. Também ali eles estavam presentes e atuantes: os meus amigos eram todos viciados. Como consequência, fui novamente preso. Livre, fui baleado e hospitalizado. As prisões se repetiam, enquanto as drogas iam sendo forçosamente mais fortes, para me satisfazerem por um período de tempo cada vez menor. Morando ora na casa de algum traficante ora na casa de conhecidos,

não parava em lugar algum, visto que volta e meia era aprisionado. Um dia levei um novo tiro, que me feriu gravemente.

Desta vez foi o meu pai – que assim descobri estar vivo – quem me retirou do hospital. Feito isto, ele foi para São Paulo, deixando-me sob a responsabilidade da minha avó. Nessa época cheguei a me envolver com as práticas de ocultismo, mas não profundamente, posto que aí interveio a mão divina. Certo dia liguei o rádio e ouvi falar que Deus operava milagres e libertava viciados na Igreja Universal do Reino de Deus. Ouvindo os conselhos de minha avó, fui com ela a um templo desta Igreja, em busca de cura para o meu braço paralisado e da libertação dos vícios. Assim que entrei já não senti mais dor. Deixei de usar a tipóia, e aos poucos abandonei a bebida, as drogas e o cigarro.

Não sem lutas interiores, é verdade, mas com a ajuda de Deus tudo aquilo ficou para trás. Minha transformação foi notada pelas pessoas do bairro, e minha vida em sociedade se normalizou. Comecei a freqüentar a igreja junto com um barbeiro convertido, como eu um ex-viciado em drogas. Ele havia percebido “a luz” dentro dos meus olhos e compartilhou comigo a sua história. Nessa época eu me envergonhava ainda de carregar a Bíblia, até que um dia ouvi no coração uma voz: “Você não tinha vergonha de carregar uma garrafa de bebida ou um cigarro de maconha; por que se envergonha de carregar a Minha Palavra, que o libertou?”.

Desde então passei a levá-la sempre comigo, de início constrangido, depois dando glórias a Jesus! Por meio deste depoimento desejo aconselhar a todos que são viciados a procurarem Jesus, o Caminho, a Verdade e a Vida eterna. Eu era como lixo, resto de ser humano, mas Cristo, com o Seu imenso amor, curou-me e me libertou; limpou-me a mente e o coração; fez de mim nova criatura. Nasci de novo! Hoje tenho Jesus Cristo como meu maior Amigo e Senhor da minha vida!

Marcado para sempre

Meu nome é Marcos da Silva Porto. Os meus primeiros passos rumo ao crime foram dados muito cedo, por volta dos 17 anos de idade. A infância e a adolescência extremamente pobres, meus pais com escassos recursos para satisfazer os desejos dos filhos, além de outras circunstâncias difíceis, empurraram-me aos assaltos e furtos.

Àquela altura, as drogas serviam como divertimento e entretenimento depois das operações criminosas bem-sucedidas. Uma bala perdida num tiroteio com policiais produziu inesquecível marca em meu corpo: o braço direito defeituoso. No entanto, este fato não me trouxe desânimo; pelo contrário, mergulhei mais fundo na marginalidade, passando a participar de assaltos em quadrilhas organizadas para roubos de carros e postos de gasolina, ou mesmo tráfico de drogas.

Aos 22 anos fui parar no Presídio de Água Santa, na Zona Norte do Rio, onde cumpri pena de três anos e três meses. Só que na cadeia eu me “profissionalizei” no crime, conhecendo gente mais experiente na organização e atuação das quadrilhas. Tendo me envolvido em rixas e brigas de grupos rivais, quase fui morto em uma delas, sendo posteriormente transferido para outro presídio, o Hédio Gomes. De lá saí rumo a uma nova onda de assaltos, agora também com o propósito de sustentar o vício da cocaína.

Preso, voltei à cela para cumprir mais quatro anos. Quase no fim da pena, estando em regime semi-aberto, fui apanhado em flagrante portando grande quantidade de maconha, o que me levou de volta ao Presídio de Água Santa, para penar mais um ano de reclusão. Com tantos anos perdidos em condenações e nos presídios, saí de Água Santa para me envolver em quadrilhas, passando a utilizar cheques sem fundos para suprir as minhas necessidades com o vício.

Voltei também a traficar drogas. Numa fuga durante uma caçada policial, fui baleado muito perto do coração e do pulmão. Escapei por um triz! Não sei como não tive os órgãos atingidos, salvando-me milagrosamente. Perseguido, e com a mãe morta, vítima de câncer, conheci a Igreja Universal, convertendo-me ao Senhor Jesus e finalmente me libertando da vida de crimes e drogas.

Encontro com Zico

Renato Maduro: Zico, como foi a sua infância em Quintino, subúrbio do Rio de Janeiro?

Zico: Eu te digo! Graças a Deus nunca tive experiência com drogas, talvez por ter estado sempre ligado ao esporte, ao futebol. Quer dizer, eu estudava e me divertia, estando sempre ocupado. Comecei muito cedo no Flamengo; ligava-me nos exercícios e chegava muito cansado. Basicamente não tinha “turma” com que é costume ir para a esquina de noite e ficar sem fazer nada, à mercê de coisas que porventura apareçam. Minha infância transcorreu na época em que a maconha realmente começou a surgir. Era a droga mais usada; pelo menos no mundo exterior ao meu.

Renato Maduro: O que você acha do uso da maconha, antes marginalizada, agora até liberada em alguns países, e tão presente? Como fica a educação dos filhos?

Zico: É, agora “abriu geral”. Sendo assim, uma das coisas mais importantes que podemos dar aos filhos é uma infância em que eles possam expandir a própria personalidade. A criança precisa estar ocupada. Tem de soltar pipa; jogar bola de gude; brincar; ir para a casa do colega; jogar totó e pingue-pongue; arrumar time-contra de rua para competir.

Antes podíamos ter o nosso grupo de prática de esportes, que competia com o time da outra rua. Mas hoje não há mais espaço nas ruas, não há mais segurança, as crianças já não podem jogar “pelada”. Em Quintino, naquela época eu tinha cinco ou seis campos de futebol. Hoje está tudo ocupado com prédios. Então a infância se limita aos que têm condições de pertencer a um clube ou condomínio. Os demais ficam sem fazer nada.

Renato Maduro: Você acha que a insegurança dos pais prejudica o acompanhamento infantil?

Zico: Eu acho que a criança é esperta e se coordena sozinha. Penso que o problema reside em dar aos pais condições para que eles se sintam seguros ao

deixarem os filhos irem brincar na praça. Eu passava o dia inteiro na rua. Nunca tive grupinho para procurar coisa diferente, porque estava sempre ocupado.

Renato Maduro: Além do grupo ao qual você pertencia, havia o grupo de marginais? Como era o convívio entre os grupos?

Zico: Eram marginais, de roubo mesmo. A gente sabia e discriminava. Quando temos uma turma boa, conseguimos nos desvencilhar, diferenciar. É claro que é uma situação difícil, visto que a curiosidade na criança e no jovem é muito forte, despertando o desejo de experimentar coisas diferentes.

Eu, por exemplo, nunca botei um cigarro sequer na boca. Ainda quando me ofereciam, não adiantava nada, porque eu jamais aceitei. Talvez porque tenha levado comigo a influência dos meus pais, a educação que me deram, muito clara em relação ao que era certo e errado. Quanto às brigas de rua, os irmãos mais velhos protegiam os menores, e quando se sabia que esta ou aquela turma era “barra pesada”, simplesmente se evitava o contato. Estou certo de que consegui ultrapassar tudo isso sem me deixar envolver graças ao esporte. Cansado de tanto me exercitar, ia para casa dormir, em lugar de passar a noite vagabundando.

Aos 13 anos de idade ouvi pela primeira vez falar em maconha. Sabendo que era algo que se devia evitar, ao sentirmos o cheiro já virávamos em direção contrária. Do meu grupo todos escaparam. Nossa turma se reúne até hoje numa quadra de Quintino, para jogar. Estão todos casados, com filhos igualmente livres desses problemas. Agora, com a minha operação, senti o que pode ser a droga se você não for uma pessoa equilibrada, saudável, e não souber dominar o seu interior. Sofri uma cirurgia extremamente traumatizante, cujas dores só são amenizadas pela ação da morfina. Nos Estados Unidos os médicos a aplicam em casos como este, visto que sem ela o paciente não suporta.

Durante o dia eu esperava, agüentando a dor, mas à noite, para dormir, era preciso pedir a morfina. Nos três primeiros dias tomei seis injeções, além de comprimidos. No quarto dia fui informado de que não mais a receberia. Aí, em meio às dores terríveis, senti crescer no íntimo quase como uma ordem, o desejo de tomar a droga que me aliviaria. No entanto, eu agüentei: não tomei nem as injeções nem os comprimidos. Do contrário teria me tornado dependente deles, como aconteceu com um amigo meu, quando sofreu uma operação renal. Para evitar isso é preciso ter equilíbrio e controle emocional. Por essa experiência,

ganhei até em termos espirituais. Acredito e confio em Deus, um Deus que me protege, mas que nem por isso dispensa o meu esforço e a minha atuação. A gente precisa “correr atrás”, como se diz popularmente, para crescer. Só existe um caminho, e o que importa é a paz espiritual, a paz com Deus.

Aconteceu um fato comigo na Copa do Mundo realizada lá no México. Eu havia me machucado em um jogo no Paraná, e estava com o joelho inchado e sem nenhuma esperança de poder jogar. Apesar de contrariado e abatido, decidi tentar até o último dia, sem me entregar. Na primeira semana não cheguei a treinar, com o joelho sempre inchado e em tratamento. Após oito dias resolvi treinar. Dei uma corrida em volta do campo e no retorno o joelho já inchava e doía. Ao entrar no meu quarto, tranquei a porta e chorei muito, disposto a desistir. Chamei, então, o médico e o Telê Santana, o nosso técnico, e disse a eles que estava desistindo e querendo ir embora.

Sem conseguir convencê-los, acabei indo para o México. Uma vez lá, isolei-me no quarto. Aos poucos, chegaram para conversar comigo o Edinho, depois o doutor Neilor, e por último o Silas, que é cristão. Nesse dia a dor era extremamente forte. Após termos falado tanto sobre Deus, falei com Ele como nunca havia feito em minha vida. Não pedia condições para jogar, implorava apenas o alívio da dor.

Adormeci. Na manhã seguinte acordei sem dor, andando. Daí fui pisando, batendo o pé, experimentando, e a dor já não existia. Fiz a barba e me dirigi à sala de musculação, onde cheguei cantando: “Começar de novo...”. Otimista, fui melhorando e treinando normalmente, até ficar totalmente curado. Com isso vi que nada, nada do que as pessoas dizem que devemos fazer quando estamos enfrentando algum problema tem sentido. O que importa é a relação de cada um com Deus.

Renato Maduro: Você conclui, então, que existe a cura divina?

Zico: Existe quando você consegue aceitar o caminho que Deus lhe mostra, o caminho que você deve seguir. No meu caso, por exemplo, Ele me permitiu jogar, dando-me oportunidade e me recuperando. O problema em si foi resolvido pela Medicina, com a intervenção cirúrgica. A ajuda que Deus me deu foi me proporcionar o melhor médico, o melhor lugar.

Penso que no mundo em que vivemos hoje, cheio de dificuldades, incertezas e

insegurança, muita coisa não é levada a sério, e sim na base da chacota, do desrespeito. Se você comenta sobre fatos que vivenciou, coisas que viu, será tomado por muitos como maluco. Os brasileiros, em geral, têm muito medo das coisas espirituais. Por isso fogem delas, evitando-as ou encarando-as levianamente. Outros há que se aproveitam da situação, tratando a questão sem nenhuma seriedade. Li muitos livros evangélicos, livros sobre cura, livros de pastores, e acredito que se não houvesse passado pelas experiências pelas quais passei, não seria capaz de entender o sentido dessas coisas.

Renato Maduro: Sendo Deus Espírito, de que maneira você acha possível ver a manifestação do Seu poder?

Zico: No interior, na maneira de viver, na família, na felicidade que Ele proporciona.

Renato Maduro: Você acha que a paz está ligada à família?

Zico: Se a criação já é difícil de qualquer maneira, imagine com a vida conturbada como está, com separações e alienação dos problemas. Há uma fuga geral, cada um querendo viver a sua vida. E isto tudo vem de cima, vem das pessoas do mais alto escalão. É tudo em função do dinheiro, resultado de olho grande, a terrível ambição que existe no ser humano. Se você consegue vencer na vida, passa a receber críticas e ser julgado como se nunca houvesse lutado e merecido chegar lá. Eu, por exemplo, nasci e cresci no subúrbio. Não chegávamos a ser pobres, mas o meu pai tinha de se sacrificar para poder dar uma coisa a cada filho, bem como não deixar faltar a comida na mesa.

Não tive regalia alguma: era um brinquedo no Natal, um jogo de botão, digamos, e uma bola no Dia da Criança, e isso já nos divertia. Mas hoje a gente comete erros, quer compensar, agradar os filhos, e às vezes eles nem dão valor ao que recebem. Os que se beneficiam com o comércio da droga não querem nem saber o mal que estão causando. Só lhes interessa o dinheiro que ela lhes proporciona, e são esses, os que lidam com a droga, que têm tudo. Muita gente se perde por viver em função do dinheiro. É certo que se a pessoa está na vida, se está trabalhando, tem de ganhar também, lutar pelos seus direitos, mas nunca viver em função do dinheiro, escravizar-se a ele. Muitos se escravizam e escravizam outros. A violência não é só matar, assaltar; é também utilizar as pessoas; é colocar droga no caminho das crianças. Isto é a pior violência que existe. Muitos poderiam combater as drogas e a

marginalidade, mas se preocupam com os próprios filhos, pois os que se beneficiam com a droga não têm escrúpulos.

Renato Maduro: Você acha que pessoas influentes podem fazer algo em favor da eliminação das drogas entre os jovens?

Zico: Se todas as pessoas importantes fizessem um movimento, creio que os consumidores de drogas ficariam em alerta e os traficantes marginalizados. Importa fazer um bom trabalho de base nas escolas, alertando os jovens e tendo professores com condições de dar seguimento à educação que se tem em casa. Eu tive essa felicidade. Peguei professores que davam continuidade à educação que eu recebia em casa; que mantinham a disciplina, o respeito e o carinho que devem vigorar entre mestres e alunos.

Acho difícil que ainda hoje exista isso na escola. Pelo que os meus filhos contam, a coisa está muito diferente. Eu via o meu professor ali como se fosse o meu pai; como se na ausência deste, ele o estivesse representando e me orientando. Sim, porque o professor não deve se limitar a ensinar quanto é $2 + 2$, ou quem descobriu o Brasil. Ele tem que dar continuidade à educação familiar. Ao fazer um trabalho de base, algo no futuro poderá ser colhido e a realidade modificada. Fui certa vez com os meus filhos assistir a um show de um grupo de *rock* brasileiro. De repente um dos integrantes fez uso de maconha. Aí fui ver o show de uma outra banda, e os componentes não precisavam de droga para fazerem sucesso.

As personalidades do meio artístico e cultural deveriam ter noção do que representam hoje para a juventude. Se fizessem um trabalho para melhorar a situação... Se um dos ídolos da música jovem, por exemplo, participasse de uma campanha contra as drogas, duvido que a garotada não fosse influenciada; duvido que o rejeitassem, dizendo: “Epa, esse cara é careta!”.

Se o artista realmente quiser, pode fazer um grande trabalho, levando consigo muita gente, como num arrastão. Estou ciente da importância que eu mesmo posso ter diante dessa garotada. Se abro uma escolinha de futebol, chove gente. Sei da minha responsabilidade. Afinal, a maior lição que uma pessoa pode dar são os seus próprios atos, o seu modo de ser e de agir perante a família e a sociedade. Tenho recebido inúmeras cartas de pais que agradecem a influência que exerço sobre a vida dos seus filhos. Neste sentido, sou alguém que tem uma forte liderança sobre a criançada.

É uma grande responsabilidade que a gente não procura, mas acontece naturalmente, pelo que se é.

Muitos dizem: “O Zico é um careta”. Ora, se ser careta é viver em paz consigo mesmo, é ter um lar tranquilo, feliz e estável, então quero ser careta sempre. Já participei de uma campanha pela cura do câncer. A idéia não era fazer uma campanha triste, com cancerosos, mas com pessoas alegres e saudáveis, que não necessitam do tratamento. Foi feito também um trabalho nas escolas, mobilizando os pais.

A todos os jovens, deixo aqui o meu abraço, desejando que continuem lutando por seus ideais na vida.